



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Social – Comunicação Organizacional

Professora orientadora: Janara Sousa

Comunicação Preta: uma análise dos discursos construídos por mulheres negras no Youtube

Maria Clara Gonçalves e Abreu

Brasília - DF, junho de 2018



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Social – Comunicação Organizacional

Professora orientadora: Janara Sousa

Comunicação Preta: uma análise dos discursos construídos por mulheres negras no Youtube

Maria Clara Gonçalves e Abreu

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Brasília - DF, junho de 2018



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Social – Comunicação Organizacional

Professora orientadora: Janara Sousa

Comunicação Preta: uma análise dos discursos construídos por mulheres negras no Youtube

Maria Clara Gonçalves e Abreu

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em de de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Professora Janara Kalline Leal Lopes de Sousa (orientadora)

Natália Teles (Examinador interno)

Rosa Helena Santos (Examinador interno)

Fernanda Martinelli (Suplente)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha mãe, Mirian, uma mulher doce, carinhosa e, acima de tudo, muito corajosa. Apesar de não estar familiarizada com teorias feministas e academicismos, ela é, sem dúvidas, a mulher mais feminista que eu conheço. Com ela aprendi e ainda aprendo todos os dias sobre a força e o poder do afeto.

Ao meu pai, Cilair, um homem negro do subúrbio do Rio de Janeiro, perseguidor do conhecimento e entusiasta do pensamento crítico, que fez o que pôde para me proporcionar a melhor educação possível e estar presente em todos os momentos da minha vida de forma muito amorosa. Obrigada por estimular minha autonomia e por ser o meu maior apoiador. Ao meu irmão, Pedro, um menino talentoso, que me inspira e é puro coração. Meu parceiro para a vida.

Às minhas amigas Bianca e Gabriela que me acompanham desde o início da vida e, apesar dos diferentes gostos e caminhos perseguidos, sempre estiveram e estarão comigo. Agradeço também à Camila, Livia e Maria Eduarda, que me acompanharam em todas as aventuras dessa graduação e construíram lembranças memoráveis ao meu lado. À Letícia, que em pouco tempo me conquistou e se tornou muito especial pra mim, além de me apoiar nos momentos de maior desespero e acreditar na minha capacidade para concluir este trabalho.

À professora Janara Sousa, minha orientadora e uma mulher sensacional, que me acompanha desde o início da graduação e aceitou realizar este desafio comigo. Obrigada pela paciência, pela confiança, pelas gargalhadas e pelo afeto.

Para finalizar, gostaria de agradecer à Universidade de Brasília e à Faculdade de Comunicação, à todas as conversas, à todas as pessoas com quem tive o prazer de cruzar e à todas as experiências e histórias vividas aqui, que me permitiram desenvolver novos olhares sobre o mundo. Foi um prazer, UnB.

*Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.*

*Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembras da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história*

*Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba
que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!*

Meu nojo!

Meu engodo cultural!

Minha lavagem de lata!

*Porque deixar de ser racista, meu amor,
não é comer uma mulata!"*

(ELISA LUCINDA - MULATA EXPORTAÇÃO)

Resumo

Esta pesquisa tem o objetivo de explorar de que maneira os discursos construídos por mulheres negras no Youtube contribuem para a formação de representações sociais contra-hegemônicas. Com os avanços tecnológicos e as novas tecnologias digitais, os processos de produção, difusão e consumo de informação mudaram. Nesse contexto, mulheres negras conseguem ganhar protagonismo e expor a temática racial, em espaços midiáticos alternativos, de maneira a questionar representações hegemônicas e fomentar a construção de representações contra-hegemônicas da população negra. Para melhor compreensão do objeto, traçamos um cenário a partir da formação do mito da democracia racial e de alguns conceitos que fazem parte do debate racial. Além disso, analisa-se como pessoas negras são representadas pela mídia hegemônica e como esse processo contribui para a perpetuação e renovação do racismo. Por fim, foram analisados 39 vídeos do Youtube de três produtoras de conteúdo negras, são elas Ana Paula Xongani, Gabriela Oliveira e Nataly Nery. Os resultados da análise apontam que os discursos estimulam o enfrentamento da temática racial, o questionamento de representações hegemônicas e a formação de representações positivas da população negra.

Palavras-chave: debate racial, representação, mídia, discurso.

Sumário

Introdução.....	8
1. O Paraíso Racial: nunca vi nem comi, eu só ouço falar.....	11
1.1. O mito da democracia racial.....	11
1.2 - Os conceitos de raça, racismo, colorismo e branquitude	17
1.2.1 Raça e Racismo.....	18
1.2.2 Quem é preto aqui?.....	20
1.2.3 Colorismo	21
1.2.4 Branquitude.....	22
2. Representação social, raça e mídia: a disputa de narrativas.....	24
2.1 Representação social e a representação do negro no Brasil	24
2.2 Representações sociais e mídia.....	28
2.3 O Youtube	31
3. Os discursos das influenciadoras negras no Youtube	34
3.1 Metodologia: Análise de discurso	34
3.2 Descrição.....	37
3.2.1 - Canal Afros e Afins: Nataly Neri.....	37
3.2.2 Canal DePretas: Gabriela Oliveira	45
3.2.3 Canal Ana Paula Xongani: Ana Paula Xongani.....	53
4. Matriz discursiva sobre questões raciais	59
4.1 Racismo.....	59
4.2 Estereótipo	61
4.3 Estética.....	65
Considerações Finais	68

Introdução

Desde 2014, estou acostumada a consumir conteúdos produzidos por pessoas negras no Youtube e sei o quanto esses conteúdos foram e ainda são importantes para o meu desenvolvimento e posicionamento no mundo como uma mulher negra. Temas como representatividade, branquitude, feminismo negro, estética negra, entre tantos outros, só me foram apresentados na internet, por meio dos discursos construídos por Youtubers negras. Entretanto, em novembro de 2016, durante a semana da consciência negra, quando o Youtube lançou o projeto Youtube Negro, percebi que esta não é apenas uma questão individual.

O projeto reuniu produtoras e produtores de conteúdo para falar sobre questões raciais, visando incentivar esses produtores e, também, questionar o espaço, ou o pouco espaço, ocupado pelos mesmos na plataforma. Ou seja, o próprio Youtube reconhece a relevância dos conteudistas negros para o site e a importância de enfrentar o debate racial.

O projeto contou com uma série de 10 vídeos, nos quais a anfitriã, Nataly Neri, produtora de conteúdo negra, conversava com os convidados. Os temas foram: "Estereótipos e negros no mercado de trabalho", "Mulher negra e sexualidade", "Relacionamentos e afetividade negra", "Expressão negra na música", "Mulheres negras e autoestima", "Criando filhos negros", "Negros e ascensão", "Onde estão os negros no youtube?" e, para fechar, "Inspiração para próximas gerações", com Elza Soares

O penúltimo vídeo, "Onde estão os negros no Youtube?", foi onde encontrei a primeira provocação para este trabalho. O vídeo se trata de uma conversa entre Nataly Neri e PC Siqueira, um dos primeiros criadores de sucesso do Brasil e o único convidado branco do projeto. Como o título sugere, o vídeo questiona onde estão os negros no Youtube e porque eles estão presentes em menor quantidade, considerando o fato de que a população negra representa mais da metade da população brasileira.

Para responder esse questionamento, Neri afirma que a desigualdade racial presente na sociedade se reproduz na mídia, e no Youtube não é diferente. De acordo com a anfitriã, para estar presente nas mídias, é preciso

ter capital social e capital econômico. Porém, ambos estão historicamente concentrados nas mãos de uma elite branca.

O fato de um questionamento como este e vários outros temas sobre negritude serem abordados em um espaço midiático, a partir de discursos protagonizados por pessoas negras, já representa um rompimento com o discurso hegemônico da mídia tradicional. Visto que a mesma, historicamente, apoiou-se sobre o mito da democracia racial e, dessa maneira, contribuiu para evitar o enfrentamento do debate racial, além de excluir a população negra e consolidar no imaginário social representações estigmatizadas sobre esse grupo.

No Youtube, pude pela primeira vez ver presente na mídia um grupo de pessoas negras completamente distintas falando sobre questões raciais. Isto é, pessoas negras negando os velhos estereótipos, aos quais precisariam atender para estar nas mídias tradicionais e, finalmente, podendo assumir seu próprio lugar de fala.

Sendo assim, este trabalho visa analisar como os discursos construídos por mulheres negras no Youtube podem representar uma disputa de narrativa e contribuir para o questionamento de representações negativas e fomentar a construção de representações sociais contra-hegemônicas da população negra.

Para tornar mais claro o nosso percurso de pesquisa, optamos por vivificar em quatro capítulos essa monografia. No primeiro capítulo, nos concentramos em explorar o mito da democracia racial brasileira, ideologia que prega que o racismo é um problema já superado no Brasil, responsável por formar muitas das ideias que se consolidaram no imaginário social brasileiro e contribuíram para a formação das nossas representações sociais. Neste capítulo também a abordaremos a definição de alguns conceitos importantes, como raça, racismo, branquitude e colorismo.

Já no segundo capítulo, adentraremos a temática das representações sociais, como conhecimentos desenvolvidos nas relações do senso comum, a partir de um contexto de produção, capazes de estabelecer uma realidade comum. Na segunda parte do capítulo, buscamos analisar a relação das representações sociais com a mídia tradicional e nas novas possibilidades de

representação da população negra que as mídias alternativas, mais especificamente o Youtube, são capazes de construir.

No terceiro capítulo, nos dedicamos à abordagem da metodologia deste trabalho, a análise do discurso. Além disso, nos aproximamos do objeto de estudo dessa monografia, os discursos construídos por mulheres negras no Youtube, apresentando algumas informações sobre as produtoras de conteúdo Gabriela Oliveira, Ana Paula Xongani e Nataly Neri e realizando a descrição de alguns dos vídeos produzidos por elas. Optamos por descrever esses vídeos para torná-los mais próximos do leitor.

Por fim, no último capítulo, optamos por categorizar os elementos discursivos que sobressaíram nos discursos das influenciadoras e produzem sentidos importantes para a formação de representações sociais contra-hegemônicas da população negra.

Dessa forma, construímos a pesquisa fornecendo uma perspectiva mais ampla de cenário, por meio da discussão do mito da democracia racial no Brasil, depois conceituamos termos e conceitos relevantes para o estudo do objeto do trabalho. A partir disso, adentramos a seara das representações sociais e da mídia, explorando suas relações com a temática racial, até chegar ao nosso objeto central de estudo: os discursos construídos por mulheres negras no Youtube.

1. O Paraíso Racial: nunca vi nem comi, eu só ouço falar

Este capítulo pretende construir um cenário que nos permita entender os aspectos políticos e sociais que influenciaram a formação de uma representação social negra, a partir da perspectiva do mito de democracia racial brasileira, visto que essa ideologia foi responsável por formar boa parte das ideias que se consolidaram no imaginário social brasileiro e contribuíram para a formação das nossas representações sociais. Em um segundo momento, serão apresentados alguns termos e conceitos que fazem parte da discussão sobre relações raciais no Brasil tais como raça, racismo, colorismo e branquitude.

Essa contextualização é importante para a compreensão do objeto deste trabalho, pois os discursos das youtubers negras que aqui serão analisados fazem oposição justamente ao mito da democracia racial, que é o fio central dos discursos construídos pela mídia hegemônica, na medida que sua proposta é justificar e perpetuar as representações sociais estigmatizadas da população negra e evitar discutir a temática racial.

1.1. O mito da democracia racial

Por democracia racial podemos entender "um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação". (DOMINGUES, 2001, p. 116).

Segundo Petrônio Domingues, as origens históricas do mito da democracia racial podem ser encontradas no século XIX, motivadas pela literatura produzida pelos viajantes que visitaram o país, pelo posicionamento do movimento abolicionista institucionalizado, pela produção da elite política e intelectual e pelo processo de mestiçagem.

Os relatos de viajantes contribuíram para a construção da concepção de que negros e brancos conviviam em uma relação de harmonia e respeito mútuo sem preconceitos de cor e que, até mesmo o sistema escravocrata no Brasil, era menos cruel e mais humano do que em outros países (GUIMARÃES,

2002). Célia Marinho de Azevedo traz o registro de uma fala de Frederick Douglas, numa palestra em Nova York, em 1858, que exemplifica bem isso:

"Mesmo um país católico com o Brasil → um país que nós, em nosso orgulho, estigmatizamos como semibárbaro - não trata as suas pessoas de cor, livres ou escravas, do modo injusto, bárbaro e escandaloso como nós tratamos [...] A América democrática e protestante faria bem em aprender a lição de justiça e liberdade vinda do Brasil católico e despótico" (DOUGLAS, 1858 apud, AZEVEDO, 1996, p.155).

Além de pregar uma representação romantizada da instituição escravista, descrevendo senhores de escravos como pessoas generosas, dóceis e paternalistas, eles também reforçavam o pensamento de que a população negra, no final do século XIX, poderia facilmente ascender socialmente, sem precisar enfrentar nenhuma barreira em virtude de sua cor.

No Brasil, o liberto entra plenamente em uma sociedade na qual ele é imediatamente tratado como um igual (...). Não somente inexiste o preconceito racial, e as freqüentes uniões entre as diferentes cores constituíram uma população mestiça numerosa e importante; mas também esses negros libertos e esses mestiços misturam-se inteiramente à população branca (...). Não é somente à mesa, no teatro, nos salões, em todos os lugares públicos; é também no exército, na administração pública, nas escolas e nas assembleias legislativas que encontramos todas as cores misturadas, em igualdade de condições. (COUTY, 1981, p.52).

O movimento abolicionista institucionalizado mantinha uma linha de pensamento parecida com a dos viajantes. Porém, com um caráter reformista. Quando o modelo escravagista passa a ser percebido como uma barreira para que o Brasil atingisse o ideal de modernidade, o movimento tenta mostrar aos senhores a inviabilidade de preservação do escravismo, entretanto continuam priorizando os interesses das elites, sem romper com a ordem vigente. Por isso, defendiam que o processo de abolição não poderia ser traumático, isto é marcado por revoluções, e sim motivado pela suposta solidariedade dos senhores. Em "O abolicionismo", Joaquim Nabuco afirma: "As seguintes palavras do Manifesto da sociedade brasileira contra a escravidão expressam todo o pensamento abolicionista":

O futuro dos escravos depende, em grande parte, dos seus senhores; a nossa propaganda não pode, por consequência, tender a criar entre senhores e escravos senão sentimentos de benevolência e solidariedade. Os que, por motivo dela,

sujeitarem os seus escravos a tratos piores, são homens que têm em si mesmos a possibilidade de serem bárbaros e não têm a de serem justos (NABUCO , 2000, p.14).

Nota-se que os discursos possuíam caráter apaziguador e eram muito cautelosos a fim de evitar incentivar possíveis revoltas e atitudes violentas protagonizadas pela população escravizada. "O movimento ressaltava que a propaganda devia ser dirigida aos senhores, pois os escravos não estavam "preparados" para assimilar a mensagem abolicionista "dentro da ordem" (MACHADO, 2007, p.5).

Apesar do medo constante de uma organização revoltosa, paralelamente, o movimento abolicionista institucionalizado pregava que a população negra e africana era pacífica e ingênua e, por isso, não poderia problematizar sua condição escrava e protagonizar a luta pelo abolicionismo. Nabuco, um dos mais consagrados abolicionistas, afirmava que era seu dever e de outros "homens políticos" representar os escravos:

É esse ponto de vista, da importância fundamental da emancipação, que nos faz sub-rogar-nos nos direitos de que os escravos e os seus filhos [...] não podem ter consciência, ou, tendo-a, não podem reclamar, pela morte civil a que estão sujeitos. Aceitamos esse mandato como homens políticos, por motivos políticos, e assim representamos os escravos e os ingênuos na qualidade de brasileiros que julgam o seu título de cidadão diminuído enquanto houver brasileiros escravos (NABUCO, 2000, p.15).

Ele enfatizava a ideia de que a população escravizada não lutava ativamente por sua liberdade e assim reforçava o discurso de que essa população seria salva pelos senhores brancos e generosos que se compadecessem da causa.

Quem pode dizer que a raça negra não tem direito de protestar perante o mundo e perante a história contra o procedimento do Brasil? A esse direito de acusação, entretanto, ela própria renunciou; ela não apela para o mundo, mas tão somente para a generosidade do país que a escravidão lhe deu por pátria (NABUCO, 2000, p.15).

É importante demarcar que esse discurso não corresponde a realidade e faz parte de um projeto histórico de retirada do protagonismo da população negra. Sabemos que pessoas negras desempenharam ativamente diversas formas de resistência durante todo o período escravocrata.

As insurreições negras se espalhavam por todo o território do país desde o começo da colonização, e permaneceram até às vésperas da Abolição em 1888. Mais de vinte quilombos,

verdadeiras cidadelas reunindo africanos fugidos da escravidão, se contam nas províncias do Rio de Janeiro, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, São Paulo, Alagoas, Sergipe, Bahia e Pernambuco. A estes se acrescentam as várias revoltas dos muçulmanos negros na Bahia, entre 1810 e 1835, durante as quais o valor de uma mulher negra sobressaiu: chamava-se Luiza Mahin - a mãe de Luis Gama, o mártir e santo da abolição (NASCIMENTO, 1978, p. 59).

Além de Luiza Mahin, houve outras grandes lideranças negras nesse período, como Dandara e Zumbi¹, que viveram no quilombo de Palmares e guerrilharam contra as investidas da coroa portuguesa.

Por fim, outro fator que contribuiu para embasar o mito da democracia racial, foi o alto grau de mestiçagem da população brasileira. Entendia-se que havia aqui uma espécie de tolerância racial visto que o colonizador branco se relacionava sexualmente com mulheres negras e gerava filhos mulatos. Entretanto, esse processo não se deu de forma livre e natural. A miscigenação no território brasileiro tem origem na sequência de abusos sexuais da mulher escravizada, cometidos pelos senhores de escravos.

Segundo Abdias Nascimento, o Brasil herda de Portugal o modelo familiar patriarcal e quem mais sofre com isso é a mulher negra. Devido à ausência de status social e a pobreza, durante a escravidão e até os dias atuais, mulheres negras continuam vulneráveis a agressão sexual do homem branco. Em sua obra *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, o autor traz um trecho do Manifesto das Mulheres Negras, apresentado na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, em 2 de julho de 1975, que denuncia essa realidade:

As mulheres negras brasileiras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é a clamado e proclamado como 'o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira.' Mas se a qualidade do 'produto' é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso. (NASCIMENTO, 1978, p.62).

Além disso, o processo de miscigenação não é um fenômeno exclusivo do Brasil. "Em 1850, a população negra nos Estados Unidos incluía

¹ Dandara e Zumbi eram casados e lutaram com armas pela libertação total das negras e negros escravizados no Brasil. Ambos foram importantes líderes do gigante quilombo de Palmares, organização política negra e refúgio para escravos fugidos. Infelizmente, por razões machistas, Dandara é frequentemente lembrada apenas como companheira de Zumbi ou é completamente apagada da história.

oficialmente 11% de mulatos; por volta de 1910, tinha 21%. Nenhuma sociedade escravista nas Américas deixou de produzir uma vasta população mulata” (SKIDMORE, 1976, p.87). A diferença entre a experiência estadunidense e brasileira é que aqui nós construímos figura do mulato como uma categoria "menos negra", isto é, dividimos a população negra por pigmentação de cor da pele e acúmulo de fenótipos.

A concepção de branco e não-branco varia, no Brasil, em função do grau de mestiçagem, de indivíduo para indivíduo, de classe para classe, de região para região. Nos Estados Unidos, ao contrário, o branqueamento, pela miscigenação, por mais completo que seja, não implica incorporação do mestiço ao grupo branco. Mesmo de cabelos sedosos e loiros, pele alva, nariz afilado, lábios finos, olhos verdes, sem nenhum característico que se possa considerar como negróide e, mesmo, lhe sendo impossível, biologicamente, produzir uma descendência negróide, para todos os efeitos sociais, o mestiço continuará sendo um “negro” (NOGUEIRA, 2006, p.294).

Na dinâmica social brasileira, o mulato fica entre o branco e o negro. Não usufrui do privilégio da branquitude, mas encontra maior facilidade para ascender socialmente e enfrenta menos discriminação racial.

Devido ao preconceito de cor, os "mulatos", desde a Colônia até o Império, eram proibidos de ocupar vários cargos administrativos, militares e religiosos. No entanto, recebiam um tratamento diferenciado em relação à população negra, com eventual acesso a direitos civis, políticos, religiosos e militares que não eram conferidos àquela população. Possuíam suas próprias confrarias, milícias e até mesmo uma imprensa (DOMINGUES, 2001, p.125).

Segundo Clóvis de Moura, essa diferenciação que se faz por meio da "filosofia e política da mulataria" representa uma ruptura no comportamento do Negro no Brasil, pois divide a população negra. A Imprensa Mulata, por exemplo, que surge entre 1833 e 1867, possui caráter nacionalista, mas não luta pela libertação dos escravos. Ela luta contra a discriminação racial, entretanto apenas nas pautas que dizem respeito à elite negra, como a disputa por cargos políticos, por exemplo.

O que queremos registrar aqui expressamente é que esta elite negra que se intitula mulata - termo etimologicamente pejorativo - já procura dar as costas à grande massa negra que constituía a escravaria do eito e passa a reivindicar soluções de problemas que dizem respeito aos homens livres (MOURA, 1983, p.128).

Essa divisão entre pretos e mulatos funcionou e funciona até hoje como um instrumento das elites para gerar desunião entre a população negra e evitar que esta se organize e se fortaleça.

Além dos fatores apresentados, dois dispositivos legais aparecem no final do século XIX e ajudam a consolidar a ideologia da democracia racial no imaginário social: a abolição da escravidão, com a assinatura de Lei Áurea em 1888, que encerra o principal instrumento oficial de opressão da população negra no Brasil; e a proclamação da República, em 1889, que universaliza o direito a cidadania.

Na prática, esses dispositivos não põem fim aos processos de manutenção da desigualdade racial, pois não vieram acompanhados de medidas de integração social, nem de nenhum tipo de respaldo para que essa população pudesse fazer a transição do trabalho escravo para o regime assalariado. Os senhores de escravos e os traficantes também não foram responsabilizados pelas atrocidades cometidas durante o regime escravocrata e a cor da pele negra não deixou de ser um fator limitador para a ascensão social. Além disso, a Constituição de 1891 estabelecia que analfabetos não possuíam direitos políticos, isto é não podiam votar e nem se candidatar, e a maior parte da população negra no início da República se enquadrava nesse grupo. Ou seja, esse era mais um fator de exclusão das pessoas negras da vida pública.

Entretanto, o fato de aparentemente estarem assegurados para negros e brancos os mesmos direitos e oportunidades fez com que a elite brasileira justificasse a realidade continuada de pobreza e marginalização da população negra culpando os próprios negros, a partir de uma perspectiva meritocrática . Ou seja, se a população negra não conseguia ascender e ocupar espaços de privilégio era em consequência de seu próprio fracasso. Essa linha de pensamento reforçou a ideia de uma suposta inferioridade da raça negra.

Sendo assim, no contexto pós-abolição, o mito da democracia racial serviu para desarticular a população negra e evitar possíveis revoltas e movimentos de acerto de contas contra os antigos senhores de escravos, para eliminar possibilidade de o Estado brasileiro desenvolver políticas de caráter reparador em benefício dos ex-escravos e seus descendentes e, por fim, para

isentar os ex senhores de qualquer responsabilidade sobre o recém-liberto após a abolição (DOMINGUES, 2001).

É importante lembrar que o Brasil possui 388 anos de período escravocrata e 130 de libertação legal e a democracia racial está longe de ser uma realidade. Segundo estudo realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em parceria com a Fundação João Pinheiro e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2010, a renda domiciliar per capita média da população branca (R\$1.097,00) era mais que o dobro da população negra (R\$ 508,90). Além disso, 62% da população branca com mais de 18 anos possuía o ensino fundamental completo, enquanto apenas 47% da população negra conseguiu concluir. Já segundo dados do Censo 2010, dentre o grupo de jovens que frequentava o nível superior, 31,1% eram brancos, enquanto apenas 12,8% eram pretos e 13,4% pardos.

Além disso, o Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrou que o genocídio negro não se encerra com o período escravocrata. Homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são os que mais morrem por causas violentas no país. A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras e, enquanto a mortalidade de mulheres não-negras (brancas, amarelas e indígenas) diminuiu 7,4% de 2005 a 2015, entre as mulheres negras o índice subiu para 22%.

1.2 - Os conceitos de raça, racismo, colorismo e branquitude

Existem vários conceitos e termos importantes para a discussão sobre relações raciais no Brasil. Por cada um desses termos perpassam perspectivas teóricas e ideológicas e posicionamentos políticos que podem lhes atribuir significados distintos. Por isso, nesta segunda parte desse capítulo pretendemos definir e esclarecer quais conceitos e significados interessam este trabalho, são eles: raça, racismo, colorismo e branquitude, além de demarcar quem é considerado negro. Seguramente, há outros conceitos importantes para se compreender a questão das pessoas negras hoje no Brasil. Porém, em

virtude das limitações de tempo e espaço desse trabalho, colocamos o foco nos conceitos que consideramos fundamentais para esse debate .

1.2.1 Raça e Racismo

O uso do termo raça pode ser bastante controverso, pois raça é uma categoria de classificação biológica que não pode ser aplicada para fazer distinção genética entre negros e brancos, visto que há apenas uma única raça humana. Inclusive, alguns intelectuais entendem que o termo ainda mantém um forte vínculo com as teorias que pregavam a existência de raças humanas superiores e inferiores, como as que sustentaram o nazismo, por exemplo, e preferem utilizar o termo etnia. Cashmore define etnia como:

Um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas. (CASHMORE, 2000, p. 196).

Entretanto, segundo a antropóloga Nilma Bentes, a palavra etnia não pode substituir raça. Ela afirma que, "no Brasil, embora seja muito mais interessante se falar em etnia, na prática, não adianta um negro se identificar etnicamente com um não-negro, pois o racismo faz com que o negro e não o não-negro seja discriminado" (BENTES, 1993, p. 20). Isso porque por aqui a discriminação cultural vem acompanhada da discriminação por traços físicos.

De acordo com Quijano (2005), no contexto Latino-Americano, o termo "raça" foi se consolidando como uma ideia, uma representação social e, portanto, uma forma de classificação social relacionada às estratégias de poder colonial, antes mesmo de se consolidar como um conceito da ciência. Ou seja, para ele, o entendimento de raça como uma categoria social se sobrepõe à utilização do termo de maneira associado ao racismo científico.

Para muitos sociólogos, raça é uma construção social que funciona como categoria classificatória, isto é, é um critério de definição de lugar nas hierarquias e papéis nas estruturas de poder da população:

Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza (HALL, 2003, p. 69).

No Brasil, o movimento negro também compreende raça como uma construção social, porém ressignifica a palavra e passa a entendê-la como um instrumento para fomentar discussões, produção de conhecimentos e reflexões sobre as relações étnico-raciais no Brasil e refutar a ideia de democracia racial.

Ao ressignificar a raça, o movimento negro indaga a própria história do Brasil e da população negra em nosso país, constrói novos enunciados e instrumentos teóricos, ideológicos, políticos e analíticos para explicar como o racismo brasileiro opera não somente na estrutura do Estado, mas também na vida cotidiana das suas próprias vítimas. Além disso, dá outra visibilidade à questão étnico-racial, interpretando-a como trunfo e não como empecilho para a construção de uma sociedade mais democrática, onde todos, reconhecidos na sua diferença, sejam tratados igualmente como sujeitos de direitos (LINO, 2012, p. 731).

Sendo assim, podemos admitir que as raças são construções sociais, políticas e culturais, que nada tem a ver com classificações biológicas, mas que levam sim em consideração aspectos estéticos e fenotípicos e podem ser usadas para potencializar a problematização dos aspectos das relações raciais brasileiras.

Já o racismo, consiste na ideia de superioridade de um grupo racial sobre outro. Além disso, é a crença de que determinado grupo possui defeitos de ordem moral e intelectual próprios. Essas crenças são irracionais e não possuem embasamento científico, são construções dos homens. O racismo é, portanto, uma ideologia (SANTOS, 2001).

Nilma Lino, em sua obra "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão" aponta que o racismo se dá de duas formas interligadas: a individual e a institucional.

O racismo individual geralmente se manifesta por meio de atos discriminatórios agressivos e violentos, em maior ou menor grau. Já o racismo institucional se constitui a partir de práticas discriminatórias sistemáticas estimuladas pelo Estado ou respaldadas, direta ou indiretamente, pelo mesmo.

Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positiva do povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida e equivocada. (LINO, 2005, p.53).

É importante retomar que o racismo no Brasil é um tabu. Em consequência do mito da democracia racial brasileira, abordada no tópico anterior deste capítulo, criou-se a ideia de que vivemos em um paraíso onde todas as raças convivem harmoniosamente. Esse pensamento chega a ser um orgulho nacional, compondo o mito fundacional do povo dócil e amável, e, por isso a discriminação racial aqui, muitas vezes, veste roupagens sofisticadas e não é facilmente percebida.

1.2.2 Quem é preto aqui?

Atualmente, de acordo com a classificação do IBGE, a população brasileira é formada por pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas, sendo pretos e pardos pertencentes a uma única categoria, a negra.

De acordo com Rafael Guerreiro Osório (2003), existem três métodos de classificação racial, são eles: a auto-atribuição, na qual o sujeito se define como pertencente ou não a determinado grupo, a heteroatribuição, na qual uma segunda pessoa define o grupo do primeiro sujeito, e a terceira forma de classificação, a biológica, que consiste na utilização de técnicas biológicas, como a análise de DNA, para realizar a classificação racial. O IBGE utiliza os métodos de auto-atribuição e heteroatribuição.

Conforme Sales Augusto dos Santos, a união de pretos e pardos no mesmo grupo racial faz sentido pois:

Os dados estatísticos produzidos pelo IBGE e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de

direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. (...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros (SANTOS, 2002 apud GOMES, 2012, p. 39)

Como já foi dito anteriormente, essa divisão e dupla classificação entre negros e pardos servia a um projeto de embranquecimento e desarticulação da população negra, em que quanto menos traços fenotípicos negros a pessoa possuísse, maior seria sua chance de ascender socialmente. Atualmente, a divisão é mantida pois frequentemente as pessoas negras não se reconhecem com negras, por causa do caráter pejorativo atribuído historicamente ao termo, e sim como pardas, a fim de amenizar a sua experiência com um não-branco no Brasil.

1.2.3 Colorismo

O termo “colorismo” foi utilizado pela primeira vez em 1982, por Alice Walker para dar nome a discriminação que se dá em relação a cor da pele. Isto é, dentro do grupo negro, quanto mais escuro for o tom de pele e quanto mais os traços físicos forem característicos da raça negra, mais chances a pessoa tem de sofrer discriminações raciais. O colorismo, também chamado de pigmentocracia, é um processo muito comum em países colonizados, pois os mesmos geralmente possuem populações muito miscigenadas, com largo espectro de tonalidades e padrões físicos.

No Brasil, temos um extenso gradiente de cores e traços fenotípicos. O grau de acúmulo desses traços interfere diretamente nos acessos que determinado indivíduo terá ou não, nas formas de discriminação que irá enfrentar e até mesmo e suas relações afetivas.

Os estereótipos e as representações que serão atribuídas às pessoas negras também variam de acordo com esse gradiente. Os grupos negros de pele mais clara, muitas vezes, são associados ao símbolo de brasilidade e união da três raças que compõe o Brasil, a negra, a indígena e a branca. A

partir dessa ideia, têm seus corpos hipersexualizados e são constantemente associados à alegria, à malandragem, à dança e ao samba, por exemplo. Já a população de pele negra mais escura costuma ser atingida, mais frequentemente do que negros e negras de pele clara, por insultos diretos relacionando suas características à traços de animalidade e termos como: "sujo", "macaco", "bandido", entre outros.

1.2.4 Branquitude

A branquitude é a identidade racial branca e, mais do que isso, é um "lugar" de privilégios simbólicos e materiais, construído a partir da suposta superioridade racial branca imposta pelo colonialismo e pelo imperialismo.

É importante pensar a branquitude como um conceito relacional, é ela que racializa o negro, colocando-o sempre como "o outro" e estabelece o branco como o padrão universal. Além disso, o conceito nos ajuda a entender que o racismo não é proveniente de indivíduos isolados e sim de uma complexa estrutura de poder:

 Ou seja, é preciso pensar o poder da branquitude como princípio da circularidade ou transitoriedade (FOUCAULT, 1999), compreendendo-o como uma rede na qual os sujeitos brancos estão, consciente ou inconscientemente, exercendo-o em seu cotidiano por meio de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos e locais de desigualdades raciais. Pensar o poder da identidade racial branca dessa maneira também tem o intuito de retirar o olhar que aponta o racismo para cada sujeito em particular e recolocá-lo para o entendimento de estruturas de poder sociais com particularidades de cada sociedade em questão. (SCHUMAN, 2014, p.137).

O conceito de branquitude, além de dizer muito sobre o não-lugar onde as pessoas negras são enquadradas, pode ser bastante útil para a população branca compreender de que forma a sua experiência estruturalmente privilegiada, mesmo se considerando uma pessoa não racista, oprime pessoas negras e perpetua a relação de desigualdade racial.

No próximo capítulo buscaremos compreender como o mito da democracia racial e seus desdobramentos se relacionam com o processo de

formação de representações sociais da população negra. Veremos também como essas representações se materializam na mídia hegemônica e as novas possibilidades trazidas pela mídia alternativa.

2. Representação social, raça e mídia: a disputa de narrativas

Este capítulo pretende explorar a temática das representações sociais, de maneira que possamos compreender como elas se formam e influenciam nossas vivências. Posteriormente, nos concentraremos nas representações sociais negras produzidas pelo poder hegemônico e perpetuadas até os dias atuais com o subsídio do mito da democracia racial.

Buscaremos entender também como a mídia hegemônica se relaciona com o processo de construção e legitimação das representações negras e as novas possibilidades de construção de narrativa que a mídia alternativa é capaz de produzir. Para finalizar, na última parte nos aproximaremos do objeto de estudo deste trabalho, os discursos produzidos por mulheres negras no site Youtube, explorando as dinâmicas e práticas específicas do Youtube, considerando-o uma possível mídia alternativa.

2.1 Representação social e a representação do negro no Brasil

De acordo com Moscovici (1995), a representação social ou coletiva tem origem na Sociologia clássica e na Antropologia, como um fenômeno psicossocial, teorizado especialmente nas obras de Durkheim e Lévy-Bruhl. Para Moscovici, reconhecido por estudar as complexidades individuais e coletivas da teoria das representações, “as representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, são formadas pelo conjunto de ideias da vida cotidiana, construída nas relações estabelecidas entre sujeitos ou através das interações grupais” (Moscovici, 2002, apud Santos e Barros Dias, 2015, p.175)

Já a definição de Denise Jodelet (1985), autora também bastante reconhecida por se dedicar ao tema da representação social, ressalta que, ainda que exista uma dimensão cognitiva marcante, tais representações são fenômenos socialmente construídos a partir de um contexto de produção. A partir do pensamento de Jodelet, a autora do artigo O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial, Mary Jane Spink, define:

Representações sociais são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão

do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (SPINK, 1993, p.300).

Sendo assim, podemos entender as representações como estruturas socialmente construídas, isto é, como interpretações contextualizadas da realidade, nunca como uma reprodução fiel da mesma. De acordo com Jodelet, a representação é capaz de substituir determinado símbolo e de lhe atribuir significados:

A representação social "tem como objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (dando-lhe significações). Há representações que são impostas pela ideologia dominante e há aquelas que estão ligadas a uma condição definida no seio da estrutura social" (Jodelet, 2001, p. 27-32)

Ainda segundo Jodelet, o sujeito é, simultaneamente, produto e produtor da realidade social, o que configura uma dimensão subjetiva no processo de formação das representações sociais. Visto que a representação é também fruto da expressão intra-individual, a autora sugere o caráter afetivo da mesma:

As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm. (JODELET , 1989 apud SPINK, 1993, p. 304).

Spink trata das representações sociais como núcleos estruturantes e campos socialmente estruturados. Ao entender as representações como núcleos estruturantes, a autora destaca o poder das representações na criação e manutenção de determinada ordem social. Enquanto núcleos socialmente estruturados a autora busca evidenciar o dinamismo das representações e negar o determinismo que parece limitar o conceito. "As representações sociais, portanto, são tanto a expressão de permanências culturais como são o locus da multiplicidade, da diversidade e da contradição" (Spink, 1993, p.305).

Ou seja, não são estruturas completamente fixas, há espaço para movimentos, mudança e incorporação de novas perspectivas.

Analisando as representações sociais da população negra, construídas e estabelecidas ao longo da história no Brasil, podemos observar como esses dois movimentos coexistem: ao mesmo tempo que as representações negativas da população negra, já estabelecidas no imaginário social, operam à favor da manutenção do racismo, há diversos atores sociais fazendo o movimento contrário, isto é investindo em narrativas que questionam essas representações e buscam construir representações positivas.

Há ainda muito um forte um imaginário social que deriva de discursos construídos no período escravocrata e se organiza de forma binária. Isto é, o branco associado à coisas boas e o negro associado à tudo que é negativo e inferior. O negro como não-humano, como força de trabalho inesgotável, sem capacidade intelectual, sem cultura e pré-destinado a ocupar postos de trabalho de baixa remuneração e assumir comportamentos de submissão nas relações sociais.

As representações da população negra, que se materializam nas relações sociais e na mídia, também estão constantemente relacionadas com a pobreza, colocando as palavras "preto" e "pobre" quase como sinônimos. "Essa ligação a pobreza materializa-se na favelização, e na criação de uma imagem onde o negro encontra-se a margem da cidade cercado por toda sorte de comportamentos violentos" (ASSIS, 2016, p.128). Sendo assim, comportamentos considerados imorais, como alcoolismo, delinquência, vagabundagem e desonestidade, também são atribuídos as representações dos corpos negros.

Quando falamos sobre as representações das mulheres negras consolidadas no imaginário brasileiro, as possibilidades de representação são ainda mais cruéis e restritas. Nataly Neri, uma das youtubers que será estudada neste trabalho, fez um vídeo sobre esse assunto e ressaltou os três estereótipos mais notórios da mulher negra no Brasil:

1) A mãe preta/ tia Anastácia: esse primeiro estereótipo tem origem na ideia que se tem das amas de leite do período colonial, que ficavam mais perto da casa grande do que da senzala e eram consideradas mulheres dóceis e subservientes, como se tivessem vocação para servir. Sonia Roncador, autora

do artigo O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural, caracteriza esse estereótipo da seguinte maneira:

Geralmente velha, corpulenta, supersticiosa, e fervorosamente católica, a mãe-preta não despertava qualquer perigo de degradação moral da família através da cópula com o senhor ou “sinhôzinho” brancos; além disso, sua índole fiel, mais devota às demandas da casa-grande que aos interesses da própria senzala, distanciava-a igualmente da figura do escravo revoltado, e vingativo. (RONCADOR , 2008, P. 131)

Atualmente, essa representação se aproxima do estereótipo atribuído à profissão das empregadas domésticas.

2) A mulata: o termo deriva do período escravocrata e era utilizado para classificar negros de pele mais clara frutos do estupro de escravas pelos senhores de engenho. Atualmente, a representação da mulata é designada para mulheres negras de pele clara, magras e curvilíneas, com traços mais próximos do padrão de beleza da branquitude. Essas mulheres são vistas como corpos disponíveis e meros objetos sexuais. São aprisionadas nesse estereótipo hipersexualizado de valorização apenas de atributos físicos e perdem sua complexidade e multiplicidade.

3) A mulher negra raivosa: Este último representa as mulheres negras como causadoras de confusão , agressivas e incapazes de se comportar dentro da norma social. Geralmente as mulheres enquadradas dentro dessa representação são justamente aquelas que não aceitam as representações estigmatizadas que lhe são impostas e reivindicam o direito de ocupar os espaços que quiserem.

Essas representações, que reafirmam preconceitos e validam práticas discriminatórias, visam inferiorizar a população negra e garantir a hegemonia do grupo racial branco. Podemos entender por hegemonia a supremacia exercida por um grupo sobre o outro, de maneira a determinar visões de mundo e neutraliza-las nas dinâmicas sociais:

A hegemonia é o poder exercido na cultura e no imaginário. É a construção de consensos em torno de determinadas visões de mundo e axiologias que, embora permaneçam conectadas a grupos sociais determinados, logram ultrapassar seus limites iniciais e estabelecem-se como universais e transparentes, confundindo-se com o “real” (CAZELOTO, 2010, p.151)

Fazendo o caminho contrário ao poder hegemônico e explorando a dimensão dinâmica das representações sociais, que permite contradição e

mudança, o movimento negro no Brasil busca construir "um discurso de "negritude" que toma para si o ideal de "poder para o povo preto". Essas características representam um rompimento com a mestiçagem e com outros valores ditos como "valores brancos" (ASSIS, 2016, p. 127). Por meio da problematização do mito da democracia racial, da valorização da cultura e ancestralidade africana, da busca pela união de negros e mestiços em torno do debate racial, da valorização de elementos da beleza afro, entre outros, o movimento se concentra na construção de representações positivas da população negra.

Tomado por um discurso que buscava desmitificar a ideia de "democracia racial" acima explicitando, o campo majoritário do movimento negro no Brasil na década de 70, buscou, sobretudo através do campo das artes com destaque para a escrita, criar aquilo que se chamou de "consciência negra", valendo-se das especificidades das características tanto biológicas como culturais dos indivíduos negros, enxergando-as de forma positivas (ASSIS, 2016, p.126).

As representações sociais, em geral, se orientam a partir dos símbolos construídos coletivamente e individualmente e esses símbolos são influenciados pela linguagem e pela mídia que tem o poder de alterar e construir novos símbolos, mas também de manter velhos paradigmas e perpetuar estereótipos.

2.2 Representações sociais e mídia

A comunicação social possui uma relação muito importante com as representações sociais, pois "através dos aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, ela incide na emergência e determinação das representações, assim como no pensamento e na construção social da realidade " (Jodelet, 2001 apud Simoneau e Oliveira, 2014, p. 282).

A mídia, por meio da linguagem e do seu amplo poder de difusão e influência, é determinante no processo de construção de representações sociais.

O comportamento do homem social e a maneira como ele partilha, compartilha e transforma o conhecimento na prática é influenciada pelos meios de comunicação, já que a mídia, com

suas dinâmicas e simbologias, influencia a sociedade na construção da realidade social e, conseqüentemente, nas representações sobre o mundo (Menezes e Braga, 2014, p.5).

No que diz respeito à representação da negritude, os meios de comunicação são capazes de reproduzir discursos e símbolos já estabelecidos no imaginário social, contribuindo para a legitimação dos mesmos, mas também de questionar e criar novos. Esses símbolos produzidos e disseminados pela mídia orientam a forma com que as pessoas negras irão se posicionar e ser posicionadas no mundo.

Os conteúdos midiáticos produzidos para e sobre a negritude -- por meios hegemônicos ou alternativos -- expõem sentidos, interpretações, discursos e significados, legitimando-os ou não perante a sociedade. Estes conteúdos simbolizam indicadores sobre como este grupo é visto, pensando e compreendido pela sociedade em geral (Moises, 2014, p. 3).

Na mídia hegemônica brasileira nota-se uma alta concentração de audiência e de propriedade, visto que poucas famílias brasileiras concentram a propriedade dos veículos de radiodifusão brasileira, além da falta de transparência e das interferências econômicas, políticas e religiosas, o que faz com que a população negra, assim como outros grupos minoritários, seja majoritariamente excluída do processo de construção das suas próprias representações nesses meios.

De acordo com o Media Ownership Brasil, os 50 veículos de maior audiência, abrangendo televisão aberta e por assinatura, rádio, mídia impressa e portais de notícias online, são de propriedade de 26 grupos: 9 pertencem ao Grupo Globo, 5 ao Grupo Bandeirantes, 5 à família Macedo (considerando o Grupo Record e os veículos da IURD, ambos do mesmo proprietário), 4 ao grupo de escala regional RBS e 3 ao Grupo Folha. Os CEO's e presidentes de todos esses 9 grupos são homens brancos.

Além disso, é notável que a quantidade de pessoas negras que vemos nos telejornais, nos programas de entretenimento, nos anúncios publicitários, no cinema e até nos desenhos não corresponde, proporcionalmente, à composição da população brasileira que, de acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010, é 50,7% negra e 47,7% branca.

Para além do aspecto quantitativo, é importante também observar, qualitativamente, como o negro é representado na mídia. Nos telejornais estamos acostumados a vê-los quase sempre relacionadas à temáticas de cunho negativo, como violência e preconceito. Na ficção e nos programas de entretenimento, o negro geralmente faz os papéis de escravos ou de personagens que exercem algum tipo de trabalho de baixa remuneração. E, mais frequentemente no caso da mulher, o corpo negro aparece constantemente de maneira sexualizada.

A falta de representatividade e as representações estigmatizadas na mídia provocam impactos profundos na construção de identidade das pessoas negras. "A comunicação não apenas nomeia o mundo, mas o institui. Ela é capaz de criar a realidade. É a partir de conteúdos simbólicos que se constrói o imaginário dos indivíduos e, conseqüentemente, da sua realidade" (SODRÉ, 2003).

Com os avanços tecnológicos e o surgimento de novas tecnologias digitais de comunicação, o processo de produção, difusão e consumo de informações mudou. Até recentemente, os grandes grupos de mídia monopolizavam todos esses processos, mas as tecnologias digitais favoreceram a entrada de novos atores no campo.

A Internet representa uma tendência oposta à da centralização dos meios de produção de informação nas mãos de grandes grupos de comunicação. Contribui para a pluralização da produção de informações dando, potencialmente, a grupos menores e a indivíduos isolados as mesmas condições técnicas de produzir mensagens e atingir o mesmo público potencial (Escobar, 2005,p.7).

Atualmente, é possível identificar mídias online alternativas fazendo o caminho contrário ao da mídia hegemônica. A partir da definição do Foro de Medios Alternativos da Argentina, Moraes afirma que comunicação alternativa é aquela que:

Atua como uma ferramenta para a comunicação no campo popular, sem deixar de lado a militância social, ficando implícito que jornalistas e/ou comunicadores devem estar dentro do conflito, sempre com uma clara tendência a democratizar a palavra e a informação". Os veículos devem ser independentes do governo, do estado e das corporações, "relacionando-se especificamente a um projeto de transformação social". E o trabalho desenvolvido precisa ser "dialógico e democratizador (Moraes, 2007)

Blogs, canais no Youtube e sites como Blogueiras Negras², Geledés³ e Meninas Black Power⁴, por exemplo, constroem narrativas orientadas para um projeto de transformação social que se contrapõe aos discursos estigmatizados da mídia tradicional e contribuem para a formação de representações sociais positivas da população negra.

Neste trabalho nos propomos a analisar, mais especificamente, como os discursos construídos no Youtube pelas influenciadoras digitais Natali Nery, a frente do canal Afros e Afins, Ana Paula Xongani, cujo canal leva seu próprio nome, e Gabriela Oliveira, criadora do canal De Pretas, contribuem para a formação de representações sociais contra-hegemônicas da população negra.

Antes de chegarmos à análise dos discursos, entretanto, buscaremos compreender as dinâmicas e as características que orientam o modo de funcionamento do Youtube, na próxima parte deste capítulo.

2.3 O Youtube

O Youtube é uma plataforma de compartilhamento e armazenamento de vídeos, fundada em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex-funcionários do site de comércio on-line PayPal. O site permite que os usuários produzam seus próprios vídeos, publiquem, compartilhem e se inscrevam em canais e comunidades, conforme seu interesse. É possível encontrar os mais variados formatos de conteúdo audiovisual, desde filmes, videoclipes, anúncios e propagandas, até produções extremamente amadoras. Os usuários podem escolher livremente o que vão assistir na hora que quiserem.

A plataforma possui mais de um bilhão de usuários e quase um terço das pessoas que estão na internet estão no Youtube. A audiência e o tempo que as pessoas gastam por dia nesta plataforma têm números maiores que muitos canais de TV. Segundo a relatório Youtube Insights 2017, 95% da população brasileira online acessa o site pelo menos 1 vez por mês e 32% da amostra afirmou que o Youtube é o melhor lugar para assistir vídeos, enquanto 10% afirmou preferir a TV aberta e 15% a TV paga. Ainda de acordo com o

² Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>

³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>

⁴ Disponível em: <https://www.meninasblackpower.com/>

relatório, 70% acreditam que “É o lugar onde eu me identifico (encontro conteúdo, youtubers, pessoas iguais a mim).”.

O Youtube apresenta alguns diferenciais em relação às mídias tradicionais. O primeiro que é importante considerarmos, é a natureza dos produtores de conteúdo. Os autores Jean Burgess e Joshua Green, autores do livro YouTube: Online Video and Participatory Culture, afirmam que os conteudistas são diversos e que o youtube é um site de cultura participativa.

Os colaboradores são um grupo diversificado de participantes - vão desde grandes produtores de mídia e donos de direitos autorais, como emissoras de televisão, empresas esportivas e grandes anunciantes, a pequenas e médias empresas que buscam distribuição barata ou alternativas aos sistemas de transmissão tradicionais, instituições culturais, artistas , ativistas, produtores de conteúdo não profissionais e amadores. Cada um desses compõe o youtube como um sistema cultural dinâmico: o youtube é um site de cultura participativa (BURGESS e GREEN, 2009, p.7).⁵

Essa diversidade pode ser motivada pela forma simples como o site veicula o conteúdo e define suas políticas, mas, também, pela facilidade de produção que as novas tecnologias possibilitam. Para gravar um vídeo para o Youtube não são necessários equipamentos de grande performance e nem conhecimentos técnicos especializados. Quanto à distribuição, não é necessário que o produtor de conteúdo esteja dentro da indústria audiovisual, ou seja representado por grandes empresas do ramo, por exemplo.

A diversidade dos conteudistas também implica em representatividade. Embora as desigualdades econômica, social, racial e de gênero estejam presentes nas dinâmicas do Youtube, diferentes grupos sociais são mais e, melhor, representados por Youtubers⁶ nacionais do que por ícones da televisão brasileira, por exemplo.

A autonomia que a plataforma oferece aos usuários permite que qualquer pessoa se filme falando sobre qualquer assunto, sem precisar passar

⁵ Original: The contributors are a diverse group of participants - from large media producers and rights-owners such as television stations, sports companies and major advertisers, to small-to-medium enterprises looking for cheap distribution or alternatives to mainstream broadcasts systems, cultural institutions, artists, activists, media literate fans, non professional and amateur media producers. Each of these participants approaches youtube as a dynamic cultural system: youtube is a site of participatory culture .

⁶ 'Youtuber' é o termo utilizado para se referir aos produtores de conteúdo da plataforma Youtube. O termo "influenciador digital" também é comumente usado para denominar esses atores.

pelo filtro da mídia hegemônica que exclui minorias e opera a favor da distribuição desigual de privilégios. Neste cenário, muitas pessoas negras, até então anônimas, passam a produzir vídeos para a plataforma, tratando de assuntos que dizem respeito à experiência das vidas negras no Brasil.

Sendo assim, iremos agora analisar como os discursos de três influenciadoras negras da plataforma, são elas Nataly Neri, Ana Paula Xongani e Gabriela Oliveira, se orientam e contribuem para o debate da temática racial, fomentando a construção de representações sociais positivas da população negra.

3. Os discursos das influenciadoras negras no Youtube

Neste capítulo apresentaremos a metodologia escolhida para a realização deste trabalho, a análise de discurso, e as estratégias metodológicas definidas para melhor explorar o nosso objeto de estudo, que consiste nos discursos das influenciadoras negras Gabriela Oliveira, Nataly Neri e Ana Paula Xongani, no Youtube. Na segunda parte, apresentaremos uma breve descrição sobre cada influenciadora e seus respectivos canais e a descrição de alguns dos vídeos analisados, afim de tornar os discursos de cada uma delas mais assimiláveis ao leitor.

3.1 Metodologia: Análise de discurso

Segundo Eni Orlandi (2009) discurso é o efeito de sentido entre os locutores . Vai além da gramática formal e da linguística, da fala grandiosa e também não se limita à historicidade e ao indivíduo . Tão pouco se encaixa no sistema linear de transmissão de informação. Podemos dizer que discurso é o produto de uma construção cultural e social realizada a partir dos sujeitos interlocutores, da história e da linguagem, seja de maneira intencional ou não. Sendo assim, Orlandi sugere que a análise do discurso se constitui na relação entre a Linguística e as Ciências Sociais:

A Análise de Discurso, ao se fazer no entremeio entre Lingüística e Ciências Sociais, não se especifica claramente um lugar no/de reconhecimento das disciplinas. O que lhe importa é sobretudo colocar questões para a Lingüística no campo de sua constituição, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais em seus fundamentos, interrogando a transparência da linguagem, a do sujeito e a do sentido, transparência sobre a qual essas ciências se assentam (ORLANDI, 1994, p.54).

Em suma, a análise do discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por

sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.

Trata-se do relacionamento da língua com os modos de significação. Por isso, a Análise do Discurso não é uma forma de se chegar a outra realidade, uma mera interpretação, mas a reflexão de como a linguagem pode materializar uma ideologia e como a ideologia é manifestada na língua. Assim, a análise do discurso investiga como o texto significa. (MONTEIRO, 2013, p. 48).

Essa ideologia manifestada na língua é, ao mesmo tempo, aquilo que distingue e une linguagem e sociedade:

A ideologia é interpretação de sentidos em certa direção, determinada pela relação da linguagem com a história, em seus mecanismos imaginários. Ela não é, pois, ocultação mas função necessária entre linguagem e mundo. Linguagem e mundo se refletem, no sentido da refração, do efeito (imaginário) necessário de um sobre o outro. Na verdade, é o efeito da separação e da relação necessárias mostradas no mesmo lugar. Há uma contradição entre mundo e linguagem, e a ideologia é trabalho desta contradição (ORLANDI, 1994, p. 57).

Além disso, de acordo com Foucault, o discurso está ligado a relações de poder e diversas formas de interdição, pois é sabido que, em sociedade, não se pode dizer o que quiser na hora que quiser: "Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos" (FOUCAULT, 2001, p. 9).

Essa produção de sentidos está fadada a ser uma espécie de interpretação ou resignificação e pode influenciar profundamente o real. É o que Bourdieu trata como poder simbólico, algo que vai além do que está sendo dito e da palavra que se está usando para dizer. "O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter a ordem, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras." (BOURDIEU, 2007, p.15).

Sendo assim, "para realizar a análise de discurso, é preciso superar a ilusão da transparência da linguagem" (Orlandi, 2009, p.28) e investigar a ordem do sujeito e o processo de significação em confluência com a questão que desencadeia a análise. Terminada essa fase, cabe ao analista retornar ao

seu questionamento inicial, realizar o balanço dos resultados encontrados e formular suas conclusões, sob a luz dos conceitos e teorias das áreas disciplinares que lhe são pertinentes .

O objeto empírico deste trabalho são os discursos construídos por influenciadoras digitais negras a respeito das questões raciais no Brasil, dentro da plataforma Youtube. Por meio da análise do discurso, buscamos investigar como os efeitos de sentido dos discursos dessas influenciadoras contribuem para o rompimento com velhas representações e para a construção de representações sociais contra-hegemônicas da população negra.

Atualmente, existem inúmeras influenciadoras negras no Youtube falando sobre questões raciais e produzindo discursos importantes sobre o assunto, porém, neste trabalho, decidimos analisar os discursos de Natali Nery (Canal Afros e afins), Ana paula Xongani (Canal Ana Paula Xongani) e Gabriela Oliveira (Canal DePretas). A escolha foi feita levando em consideração a relevância dos três canais e a diversidade de características fenotípicas entre as três, de maneira que as três influenciadoras representassem bem a diversidade de fenótipos dentro da população negra brasileira.

Para analisar os discursos irei priorizar a investigação de 13 vídeos de cada influenciadora, 1 por mês no período de 01/04/2017 a 30/04/2018. Com uma ressalva para o canal Ana Paula Xongani, que em alguns meses não produziu nenhum vídeo, então serão analisados 13 vídeos da influenciadora, no período de 01/04/2017 a 31/05/2018, porém não necessariamente 1 por mês. Decidimos analisar um período longo, com espaçamento de tempo entre os vídeos, afim de garantir que a amostra fosse mais representativa e livre de determinismos sazonais.

Com a análise desse material, acredito ser possível identificar um panorama dos efeitos de sentido produzidos pelas influenciadoras, capazes de construir discursos contra-hegemônicos sobre as questões raciais. Por limitações de tempo e espaço, não seria possível descrever aqui os 39 vídeos analisados. Entretanto, como prática metodológica e estratégia para tornar as produtoras de conteúdo e os seus discursos mais facilmente assimiláveis aos leitores deste trabalho, descrevemos aqui dois vídeos de cada influenciadora.

Depois da descrição, partirei para a análise interpretativa dos elementos discursivos encontrados com maior expressividade nos vídeos. Por fim, serão

apresentadas algumas conclusões possíveis à respeito do modo como os elementos encontrados se relacionam com a construção de representações sociais contra-hegemônicas da população negra.

3.2 Descrição

Passaremos agora para a descrição dos vídeos e por um breve perfil de cada uma das influenciadoras, e de seus respectivos canais.

3.2.1 - Canal Afros e Afins: Nataly Neri

Figura 1 - Nataly Neri



Fonte: twitter @natalyneri⁷

Nataly Neri tem 23 anos, se auto-declara uma mulher negra de pele clara, é estudante de Ciências Sociais e produtora de conteúdo do canal Afros e Afins⁸. O canal foi criado em 22 de julho de 2015 e até o dia 26/05/2018 contava com 400.937 mil inscritos e 15.110.038 visualizações.

Na descrição do seu canal a influenciadora afirma: "Sou Nátaly Neri, mulher negra, feminista, apaixonada por brechó, costura, moda e faça você mesmo. O objetivo desse canal é incentivar a autonomia de quem assiste, aprendendo a garimpar, achar as melhores opções de consumo de moda, discutindo questões importantes sobre nosso lugar no mundo sem ignorar, é

⁷ Disponível em : < <https://twitter.com/natalyneri> > Acesso em: 31 de outubro de 2018.

⁸ Canal Afros e Afins, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMlluoSdkrQg>

claro, tutoriais divertidos de maquiagem, cabelo e tudo o que quisermos que nos caiba".

O canal é alimentado com vídeos novos duas vezes por semana e trata de temas como feminismo negro, acesso à cidade, moda sustentável e brechó, ativismo online e militância, estética e cabelos afro, entre outros. Todos esse assuntos são discutidos a partir da experiência pessoal de Nataly Neri e, frequentemente, a partir de algum acontecimento noticioso marcante.

Neste trabalho analisamos os seguintes vídeos do Canal Afros e Afins:

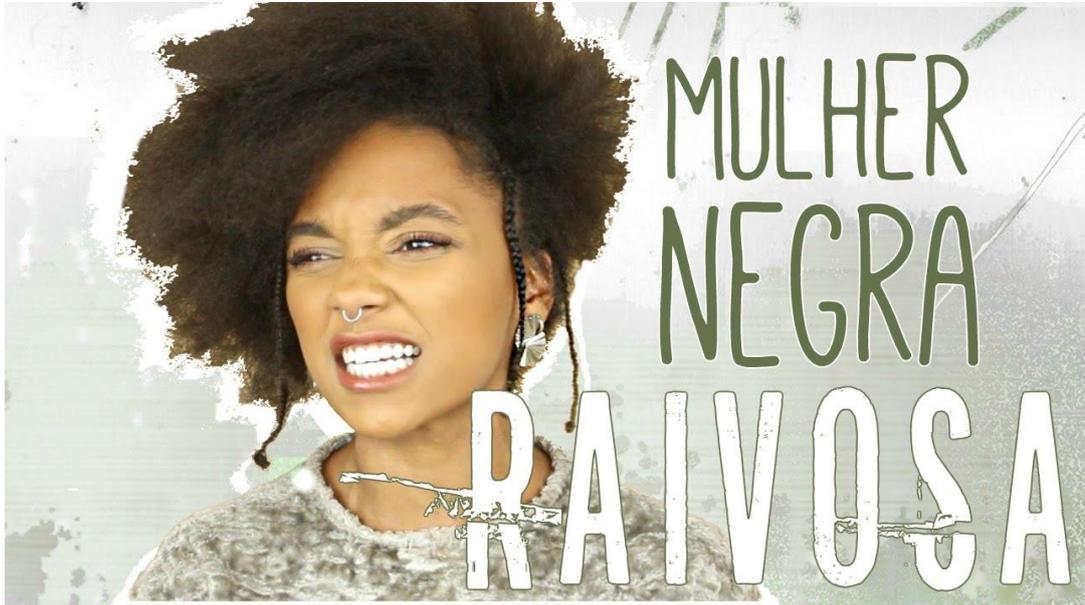
Título do vídeo	Disponível em:
Por que você é tão agressiva Nataly?	https://www.youtube.com/watch?v=aBF_5w8unyA&t=2s
Negros na universidade - racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas	https://www.youtube.com/watch?v=oRy-IVhmVjk
Breve conversa sobre saúde mental	https://www.youtube.com/watch?v=txX22FCKCaY
Negritude, espiritualidade, saúde mental e física	https://www.youtube.com/watch?v=jn-ov3ySWIE&t=90s
Desconstrução do amor romântico feat. Jonas Maria	https://www.youtube.com/watch?v=ZBmcoK0MeGY&t=608s
Como fazer sua próprias tranças/ box braids - Técnicas p/ cabelo curto e jumbo colorido	https://www.youtube.com/watch?v=1qjc5b3Da1A&t=109s

Meninas feministas feat. Maria Morena	https://www.youtube.com/watch?v=7reRpdSVkm4
Empoderamento estético e consciência racial	https://www.youtube.com/watch?v=iy1niabC1eQ
Estilo pessoal: moda, reflexões e feminilidade	https://www.youtube.com/watch?v=4Fj1Bl8PJTk
Relacionamento Interracial	https://www.youtube.com/watch?v=A2Rw2R5aO8Y
Psicólogas negras - saúde emocional, autocuidado e psicoterapia feat Samanta Fonseca	https://www.youtube.com/watch?v=3pJAA P3BNuE&t=423s
Bicicleta, mobilidade e feminismo: como a bike mudou a minha vida	https://www.youtube.com/watch?v=tV33A1ncuEo
Marielle Franco, presente	https://www.youtube.com/watch?v=XFFRoBdkQ2c&t=8s

Sendo assim, descreveremos agora os vídeos "Por que você é tão agressiva Nataly?" e "Negros na universidade - racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas".

Vídeo 1 - Por que você é tão agressiva Nataly?

Imagem 2 - Capa do vídeo "Por que você é tão agressiva Nataly?"



Fonte: Canal afros e afins no Youtube⁹

O vídeo possui 11 minutos e 36 segundos de duração e foi publicado no dia 5 de abril de 2017. Nataly Neri começa contando que frequentemente recebe comentários como "desse jeito que você fala não vai conseguir alcançar ninguém", "a discussão até estava boa, mas você precisa ser menos agressiva", "como você tenta lutar pela igualdade com mais ódio?" e "Nataly, o seu tom de voz é muito arrogante, você poderia usar menos ironias". A influenciadora ressalta que não se reconhece nessas afirmações e que elas geralmente surgem em vídeos em que ela fala sobre questões raciais que geram maior tensão. Então ela propõe uma conversa sobre os estereótipos da mulher negra, mais especificamente o estereótipo da negra raivosa e histérica.

A influenciadora afirma que os estereótipos funcionam como instrumentos de controle social e, como já foi mencionada anteriormente neste trabalho, descreve os três estereótipos da mulher negra no Brasil, são eles: a tia Anastácia, a mulata exportação e a mulher negra raivosa. Nataly Neri comenta que este último, o objeto deste vídeo, está ligado à ideia de que uma mulher negra quando reclama de todos esses estereótipos e sobre sua realidade racista e misógina, é louca e descompensada. Ela reintera ainda que

⁹ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=aBF_5w8unyA > Acesso em: 31 de maio de 2018

se associa essa mulher à ideia de animalidade, de alguém que não tem controle de si e não sabe do que está falando.

Nataly relata que o estereótipo da mulata exportação a acompanha desde criança mas a imagem da mulher negra raivosa aparece em momentos muito específicos para ela: "sempre que eu vou falar sobre racismo, por mais leve e mais doce que seja a minha voz, por mais cultas e bem escolhidas que sejam as minhas palavras, alguém sempre vai dizer que fui agressiva demais, alguém sempre vai dizer que eu fui incisiva demais, que eu não precisava ter sido tão irônica. (...) Eu posso falar sorrindo sobre racismo, sobre como o povo negro morre no Brasil, sobre como as mulheres negras são objetificadas e desvalorizadas, eu posso falar sorrindo e brincando, posso falar de unicórnios e flores e sobre morte, que ainda assim eu vou ser tida como louca e agressiva. Independente da forma como eu uso a minha voz, independente de quão rosa seja o meu batom e quão brilhante seja o meu sorriso e os meus olhos, eu sempre vou ser agressiva e louca, porque esses são os estereótipos que me cabem quando eu tento falar sobre as minhas dores"

A Youtuber então questiona como as pessoas acham que ela deveria falar sobre racismo e se as pessoas que questionam o modo como ela fala têm conhecimento das experiências, memórias e dores que mulheres negras precisam mobilizar para discutir este assunto.

Ela reitera ainda que todas as vezes que mulheres negras mobilizam conhecimentos e falam de forma interessada e decidida, são consideradas arrogantes. Ela problematiza essa ideia e firma que não há arrogância em expor conhecimentos que ela adquiriu e trabalhou durante a vida.

A influenciadora conclui o vídeo afirmando que não é uma pessoa raivosa e não há quem possa julgar a forma como uma mulher negra fala sobre suas dores, pois ninguém sabe o que ela viveu. Nataly afirma: "qualquer um que tente determinar a forma como eu devo ou não devo falar está me colocando dentro de um estereótipo, está sendo racista, está dizendo que eu correspondo ou não a suas expectativas sociais".

Vídeo 2 - Negros na universidade - racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas.

Imagem 3 - Negros na universidade - racismo institucional, epistemicídio e violências simbólicas



Fonte: canal Afros e Afins no Youtube¹⁰

O vídeo possui 10 minutos e 20 segundos de duração e foi publicado no dia 7 de maio de 2017. Nataly fala sobre a experiência da população negra na universidade e inicia contando alguns fatos explicitamente racistas e discriminatórios que aconteceram com ela durante a sua graduação em Ciências Sociais. Entre eles, um professor que afirmou ter gasto horas procurando trechos do trabalho dela na internet porque tinha certeza que era plágio e colegas que constantemente se surpreendiam ao saber que Nataly não tinha escolhido estudar samba ou antropologia, por exemplo, e sim Ciências Políticas.

Ela utiliza três conceitos principais como norteadores do vídeo, são eles: violências simbólicas, epistemicídio e racismo institucional. A influenciadora começa ressaltando a importância de saber diferenciar o racismo presente nas relações individuais do racismo institucional e explica que discutir racismo

¹⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oRy-IVhmVjk>> Acesso em: 31 de maio de 2018

institucional é entender como o Estado e as grandes instituições são responsáveis pelas desigualdades e pela reprodução e atualização constante das práticas racistas. Ela enfatiza alguns pontos que mostram como o racismo institucional é muito presente na universidade, entre eles a dificuldade que alunas e alunos negros enfrentam para denunciar práticas racistas e o fato de alunos negros estarem evadindo por falta de condições psicológicas e financeiras. Ela reitera ainda: "Quando a universidade não se posiciona em relação a alunos negros que estão evadindo, que estão desistindo, ela está sendo racista".

A influenciadora então parte para o tema das violências simbólicas, explicando que o ambiente universitário é tão branco e elitizado, pensado para pessoas brancas, que faz com que a população negra se sinta constantemente expulsa daquele lugar. Ela ressalta que negros e brancos partem de condições diferentes, mas são cobrados pelos mesmos resultados, o que faz com que a população negra desista e tenha sua autoestima massacrada, visto que precisa se esforçar o dobro para obter o mesmo resultado que um estudante branco. Nataly relata algumas de suas experiências:

"Eu nunca me senti tão burra, tão inútil e tão pequena, como eu me senti nos primeiros anos de universidade e ainda me sinto quando estou nesses espaços. Há uma certeza absoluta que se você não estudou nas melhores escolas, não teve dinheiro para viajar para fora e não teve o melhor ensino de línguas, ou se você não sabe articular milhares de autores franceses, ingleses e norte-americanos em um só texto, você jamais vai ser capaz de estar naquele ambiente com excelência. (...). Você aluno negro vai ser cobrado exatamente da mesma forma que uma pessoa que estudou a vida inteira em um colégio particular, fez cursinho, não tem preocupação alguma na vida além de estudar, não tem que se preocupar se a sua juventude está morrendo, não tem que se preocupar com a hipersexualização do seu corpo e nem se doer com as dores da sua solidão. Você vai ser cobrado pelos mesmos resultados que esses alunos".

Segundo a Youtuber, esses fatores fazem com que alunos negros se sintam inferiores e questionem a sua própria capacidade, muitas vezes terminando por desistir da universidade. Mas ela enfatiza: "se você não conseguir, você vai desistir e não vai ser culpa sua. Não é porque você é

incapaz, não é porque você é preguiçoso, não é por que você não deu conta". Ela afirma que ser uma pessoa negra na universidade pública é muito difícil e que, mesmo que essa pessoa negra seja rica, ainda assim não será fácil, pois "as violências são tão grandes que é muito difícil ficar em um espaço que é majoritariamente branco e feito contra você".

Nataly mergulha então no terceiro tópico do vídeo, o epistemicídio. Ela explica que epistemicídio é a negação das contribuições afrobrasileiras e africanas no espaço acadêmico e, mas do que isso, são os processos que retiram a pessoa negra desse lugar de possibilidade na educação. Ela exemplifica como isso se dá na universidade contando que no seu curso, ciências sociais, não há nenhuma matéria fixa que discuta questões raciais e utilize uma bibliografia composta por autores e autoras negras. Ela fala sobre a gravidade de se ter alunos que se formam sem nunca terem discutido questões raciais.

A influenciadora conta que muitas vezes os diversos atores acadêmicos tentam justificar essa situação afirmando que não há autores negros produzindo conhecimento. Nataly recusa essa ideia e retoma as definições de epistemicídio que afirmam que existe sim uma produção considerável de intelectuais negros, porém essa produção é negada no espaço acadêmico e essa negação consiste em uma escolha ideológica.

Por fim, Nataly finaliza o vídeo com um conselho para pessoas negras que desejam ingressar na universidade: "tenha calma e força, muito mais força do que você sempre precisou ter, pois você não é burro, você não é incapaz, você não é ignorante. É esse ambiente que é feito para que você se sinta dessa forma (...), tenha força porque aquele lugar é tão seu como de qualquer pessoa que está ali".

3.2.2 Canal DePretas: Gabriela Oliveira

Imagem 4 - Gabriela Oliveira



Fonte: imagem de perfil do canal DePretas¹¹

O canal DePretas¹², de Gabriela Oliveira, foi criado em 19 de julho de 2015 e, até o dia 26/05/2018, possuía 295.228 inscritos e 8.510.124 visualizações.

Gabriela Oliveira tem 26 anos, se auto declara mulher negra de pele escura, é formada em Comunicação Social pela Universidade estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e, de acordo com a descrição do seu canal, venceu o concurso Youtube Nextup¹³ e é a atual embaixadora Seda Brasil. Ela também está na lista de mulheres inspiradoras da Think Olga, e já palestrou no Latin America Education Forum (LAEF), na Universidade de Harvard.

No canal DePretas ela aborda principalmente temas relacionados às relações étnico-raciais e a estética da mulher negra. Ela também compartilha com seus seguidores experiências pessoais em viagens e eventos.

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>> Acesso em: 31 de maio de 2018.

¹² Canal DePretas, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8IILiJ1kng>

¹³ Concurso interno do Youtube que premia criadores a partir de sua originalidade, criatividade, habilidade de produção, capacidade transmitir a mensagem, entre outros.

Os vídeos do canal DePretas que usaremos aqui para fins de análise são:

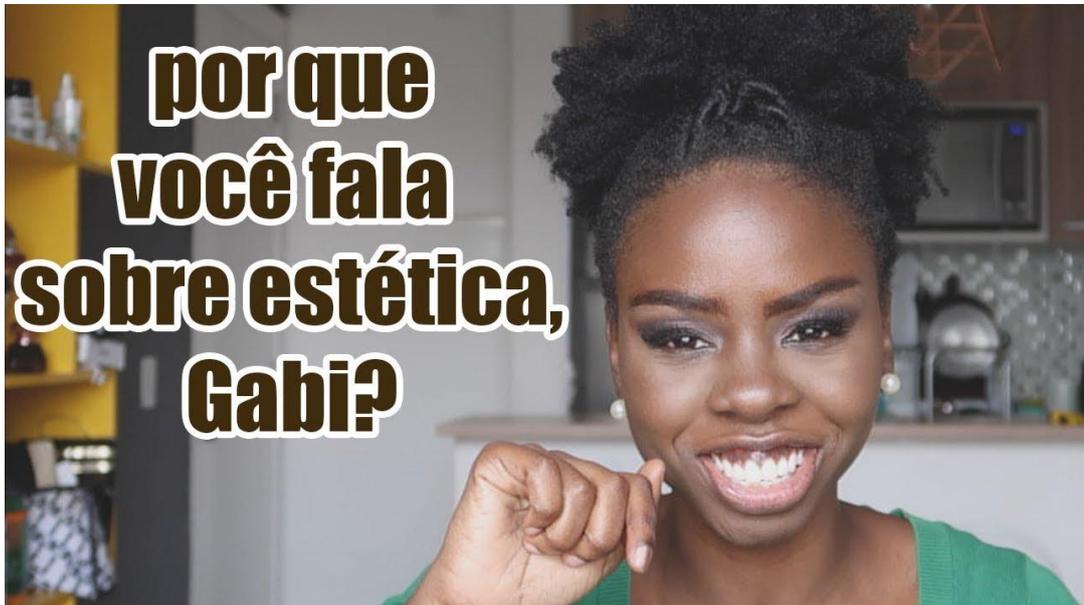
Título do vídeo	Disponível em:
5 palestras TED que abriram meus olhos	https://www.youtube.com/watch?v=eYv_5pEy9dg
Precisamos falar sobre Rafael Braga	https://www.youtube.com/watch?v=VCYXLkPCFmQ
Negro ou Preto?	https://www.youtube.com/watch?v=xXZCcQpUfUk
Maioria branca, ascensão e pele clara ft. De Mudança	https://www.youtube.com/watch?v=8mjToYn6kdE
Representatividade x Proporcionalidade ft. Neggata	https://www.youtube.com/watch?v=yeG3yartv7Q
Sou uma farsa?	https://www.youtube.com/watch?v=YByqHDQbVlo
Respondendo Haters	https://www.youtube.com/watch?v=70gkoUMsaqc
Estética é menos importante?	https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08

Corpos e opressões ft. Tá Querida	https://www.youtube.com/watch?v=icYqlxJDW64
Tour Pelo Meu Rosto	https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis&t=22s
E os crushes?	https://www.youtube.com/watch?v=Mkzd0xI9MiM
Pantera Negra além da representatividade	https://www.youtube.com/watch?v=YNpHmJLYMEw&t=360s
A importancia da colaboração	https://www.youtube.com/watch?v=ac-DQiYbWDI&t=16s

Vamos agora à descrição dos vídeos "Estética é menos importante?" e "Maioria branca, ascensão e pele clara ft. De Mudança".

Vídeo 1 - Estética é menos importante?

Imagem 5 - Capa do vídeo *Estética é menos importante?*



Fonte: Canal DePretas no Youtube¹⁴

Gabriela Oliveira inicia o vídeo falando que muitas vezes é criticada por falar sobre beleza e estética no canal. De acordo com ela, as pessoas classificam o assunto como menos importante, inútil e fútil. Ela diz que até entende esse ponto de vista, visto que vivemos em uma sociedade onde estamos sempre sendo induzidos a consumir mais, porém, considerando o histórico de exclusão das mulheres negras, Gabriela considera essencial falar sobre o assunto.

A influenciadora afirma que nós, mulheres negras, passamos muito tempo sem nos entendermos e sendo negligenciadas e mal representadas nas mídias tradicionais. Por isso, ela considera importante que mulheres negras falem sobre tudo que está ligado a elas. Ela explica que falar sobre o assunto pode modificar imaginários sociais e contribuir para a construção da autoestima de mulheres negras: "Hoje em dia, quando eu falo a palavra beleza, é possível que a imagem de uma mulher negra se forme na sua cabeça, porém há alguns anos atrás isso era praticamente impossível. Nós éramos ligadas somente a coisas ruins, como cabelo duro e mulher feia. Mas hoje, com esse movimento

¹⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=VTpO76KzO08&t=1s>> Acesso em: 31 de maio de 2018.

de falar sobre estética negra, principalmente através da transição capilar, esse imaginário tem mudado. (...) nós estamos construindo isso juntas".

Gabriela Oliveira conta para seu público que ter tomado consciência sobre sua ancestralidade, sua beleza e sobre suas referências foi revolucionário para ela e pede que seus seguidores façam comentários contando quem são as mulheres negras que lhes servem de referência.

A influenciadora então lista algumas mulheres negras inspiradoras que obtiveram visibilidade midiática e conta um pouco da contribuição de cada uma, são elas: Alek Wek, modelo sudanesa e primeira top model com pele escura e traços negróides; Lupita Nyong'o, eleita a mulher mais bonita do mundo; Chantelle Winnie, modelo negra, que rompe ainda mais barreiras por ter vitiligo; Maria Borges, que, em 2015, foi a primeira modelo negra a desfilas para Victoria's Secret com os cabelos naturalmente crespos; Ruth de Sousa, primeira protagonista negra em uma telenovela brasileira; Glória Maria, primeira repórter negra da televisão brasileira; Taís Araújo, principal ícone de beleza e fonte de representatividade negra no Brasil atualmente.

Ao final da lista, Gabriela Oliveira conta que percebeu a sua capacidade de invisibilizar mulheres como Queen Latifah e Gabourey Sidibe, que são mulheres gordas resistindo na indústria gordofóbica de Hollywood. Além de Laverne Cox, que atualmente é uma das mulheres trans de maior destaque no mundo, e Mart'nália, cantora, compositora e uma mulher que não performa feminilidade.

Chegando ao final do vídeo, a influenciadora deixa um recado: "Fica o alerta! quanto menos uma estética é vista e valorizada, maior é o nível da exclusão. Por isso, sim, eu insisto. A gente ainda precisa falar da nossa estética e mostrar como ela pode ser representada de várias formas. Se isso não é um ato político e de resistência, eu não sei o que é".

Vídeo 2 - Maioria branca, ascensão e pele clara ft . De Mudança

Imagem 6 - Capa do vídeo *Maioria branca, ascensão e pele clara ft. De Mudança*



Fonte: canal DePretas no Youtube¹⁵

Esse vídeo possui um formato um pouco diferente dos outros pois Gabriela Oliveira convida Mariana Ribeiro, do canal De Mudança, para contar como é ser uma pessoa negra em um espaço de maioria branca. Então, em muitos momentos se trata de um diálogo entre as duas.

Mariana Ribeiro começa explicando que sua opinião parte de experiências pessoais e que o momento que ela começa a frequentar espaços de maioria branca é quando sai de uma escola pública e ingressa, por meio de um sistema de bolsas, em uma das faculdades particulares mais caras do país. A convidada também pontua que é uma mulher negra de pele clara, o que é determinante em todas as suas vivências. Inclusive ela conta que passou boa parte da vida se considerando parda e demorou para entender que era negra.

Ribeiro diz que quando as pessoas brancas da faculdade comentavam sobre a sua aparência eram comentários como “nossa, você tem uma beleza muito diferente, você é tão exótica”. A convidada conta que hoje em dia ela entende que os comentários vinham dessa forma pois as pessoas evitavam usar a palavra “negra” para caracteriza-la, mas na época, ela incorporou o

¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8mjToYn6kdE&t=2s>> Acesso em: 31 de maio de 2018.

papel de “exótica” por achar que era a única coisa que tinha a oferecer àquele grupo de pessoas.

Mariana conta que tentava se adaptar para parecer mais com aquele grupo, mas sabia que por mais que ela alisasse o cabelo, nunca seria como as outras meninas. Além disso, ela destaca que o seu poder de consumo e acesso à cultura eram muito inferiores aos de seus colegas, o que escancarava ainda mais as diferenças. A anfitriã do canal complementa afirmando que quanto mais você ascende socialmente, mais branco se torna o ambiente, e ressalta: “É necessário resistir sempre”.

A influenciadora acrescenta ainda que quando está em bairros mais abastados, como Copacabana, as pessoas já assumem que ela não é de lá e perguntam de onde ela vem. Em contrapartida, ela conta: “quando eu estou no meu bairro, ninguém pergunta se eu não sou de lá. É porque tem um monte de pretinho, né?”.

Mariana conta também que por ter a pele mais clara essas experiências são mais amenas para ela, mas não deixam de ser cruéis. Ela relata a experiência de um dia que precisou ir até a casa de um dos colegas em um bairro bastante privilegiado e se deparou com uma fila enorme de pessoas na portaria. Quando ela perguntou o que estava acontecendo, responderam que aquele era o horário que as empregadas domésticas iam para casa. Ela diz que foi um choque, pois todas as pessoas que estavam na fila eram negras e aquilo era tratado com muita naturalidade. Ela começou a se questionar então quais eram os lugares que ela podia ocupar naquele ambiente.

Gabriela comenta que quando essas situações acontecem, geralmente, ou a pessoa negra levanta a discussão e aponta o racismo ou não fala sobre o assunto para evitar embates e acaba contribuindo para a manutenção do silenciamento histórico das desigualdades raciais.

A convidada conta que, apesar de ter sido muito difícil, a experiência a fez aprender muito e entender que era mais importante buscar se fortalecer por meio da cultura e do conhecimento do que tentar se igualar àquelas pessoas por meio do consumo e da estética. Gabriela concorda com ela e reitera: “Essa resistência é essencial e eu tenho uma preocupação muito grande com a questão do consumo, pois nada que você consuma vai te livrar da sua pele.

Não adianta achar que consumir vai te livrar do racismo. Pelo contrário, às vezes quanto mais você vai ascendendo mais o racismo bate na sua porta”.

3.2.3 Canal Ana Paula Xongani: Ana Paula Xongani

Imagem 7 - Ana Paula Xongani



Fonte: [noticiário-periférico.com](http://noticiario-periferico.com)¹⁶

O canal Ana Paula Xongani foi criado em 5 de julho de 2015, possui 45.433 inscritos e 975.062 visualizações. A criadora de conteúdo do canal, Ana Paula Xongani, tem 30 anos, se autodeclara uma mulher negra de pele escura, é estilista, sócia da Xongani, marca de moda afro, e mãe.

No canal Ana Paula Xongani podemos encontrar vídeos que falam sobre moda afro, estética negra, arte negra, feminismo, a solidão da mulher negra e representatividade.

Foram analisados os seguintes vídeos do canal Ana Paula Xongani:

Título do vídeo	Disponível em:
Barbies Negras, quem nunca sonhou?!	https://www.youtube.com/watch?v=FxBT4R-Jxrs

¹⁶ Disponível em: <<http://www.noticiario-periferico.com/2016/06/ana-paula-xongani-fala-sobre-famosos.html>> Acesso em: 31 de maio de 2018

#CrisXonganiResponde... É muito aprendizado!	https://www.youtube.com/watch?v=jiurdKU9p6E
Pantera Negra - Os Looks de Wakanda	https://www.youtube.com/watch?v=ESsbn38guil
Uma Conversinha Franca e Necessária	https://www.youtube.com/watch?v=x19i77Echig&t=25s
Nina Simone sempre nos ajuda!	https://www.youtube.com/watch?v=vx0ZNVdjVYs
Nossa saúde: Drauzio Varella vamos conversar?!	https://www.youtube.com/watch?v=uDGh8OUSX8c&t=2s
Bora atualizar!	https://www.youtube.com/watch?v=VMs9ue4Fpnl
Um vídeo feito por vocês - Conceitos Universais? Aqui Não!	https://www.youtube.com/watch?v=G_qX4-G6inE
Mulheres abalando as estruturas	https://www.youtube.com/watch?v=0uTcp0ru4EU
Dente branco todo mundo tem	https://www.youtube.com/watch?v=JiPUaVhGrDE&t=4s

Muito além do dourado	https://www.youtube.com/watch?v=8-VTrbp1d_Y&t=343s
Livre, leve e solto, ao sabor do vento	https://www.youtube.com/watch?v=lKf2dK2bkal
Eu tenho pressa	https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4

Descreveremos agora dois vídeos da influenciadora, são eles: "Uma conversinha franca e necessária" e "Dente branco todo mundo tem".

Vídeo 1 - Uma conversinha franca e necessária

Imagem 8 - Capa do vídeo *Uma conversinha franca e necessária*



Fonte: canal Ana Paula Xongani no Youtube¹⁷

Ana Paula começa o vídeo contando que pela primeira vez foi a um evento de beleza, pois essa foi a primeira vez que uma marca a convidou e quis ouvir sobre o seu tipo de cabelo. Um cabelo natural, porém endreadado, que tem suas especificidades de cuidado.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x19i77Echig>> Acesso em: 31 de maio de 2018.

Ao chegar no evento, Ana Paula relata que notou que a maior parte das influenciadoras presentes já se conheciam e comentavam: "poxa Xogani, que bom que você está aqui, nunca te vi em um evento como esse". Então ela defende que o ideal seria que as blogueiras e influenciadoras cruzassem as ideias, que as meninas que se encaixam no nicho de beleza falassem também sobre questões sociais e as meninas de questões sociais falassem sobre beleza, porque o cruzamento dessas duas ideias gera crescimento para todo mundo. Ela afirma que seria bom para a produtora de conteúdo, para as marcas que estão dispostas a pensar um discurso político e para os consumidores.

Xogani chega então ao objeto do vídeo, os consumidores. Ela questiona: "porque há tão pouco acolhimento quando um nicho se desloca para o outro, como quando, por exemplo, tem pessoas ativistas que decidem falar sobre outras questões que não sejam o ativismo. ". De acordo com ela, precisamos entender o nosso poder como comunidade e consumidor. Ela afirma que é a comunidade, o movimento social composto por pessoas que anseiam por igualdade, que tem o poder de pressionar as marcas e fazer o cenário mudar. E quando uma marca se posiciona e toma uma atitude que vai de encontro com essas reivindicações, cabe também à comunidade, ou seja, ao consumidor, acolher e valorizar a ação.

Ela utiliza como exemplo a escolha do seu parceiro que, desde que Taís Araújo e Lázaro Ramos¹⁸ passaram a fazer propaganda da Italac, só compra Italac. A partir disso, ela ressalta que toda vez que seu companheiro faz essa escolha ele está investindo, sobretudo, no Lázaro e na Taís. Ele, como consumidor, está apoiando a marca por ter investido nas pessoas certas.

Segundo Ana Paula, se nós não damos esse retorno, as pessoas que serão impactadas são justamente aquelas que lutaram para que a mudança acontecesse. Por isso ela afirma que nós precisamos usar o nosso poder de consumidor para investir e acolher os resultados positivos.

A influenciadora explica: "sabe quando a gente vai procurar emprego e vem aquela resposta "você não tem o perfil"? Quando a gente não consegue efetivar esse poder de influência por não consumir o conteúdo ou não consumir

¹⁸ Lázaro Ramos é um ator negro brasileiro de grande relevância e bastante envolvido na causa racial.

a influência, a gente está de novo dizendo para os atores e influenciadores negros "você não tem o perfil". E esse perfil, dessa vez, quem vai construir somos nós, consumidores dessas plataformas. Se a gente não construir esse perfil, nós vamos mais uma vez apartar a população negra dos lugares de poder, poder de influência, poder econômico, poder midiático, poder político, poder imagético, enfim, diversos poderes".

Por fim, Ana Pala Xongani finaliza o vídeo dizendo: "vamos aproveitar o nosso poder de consumidor para fortalecer quem está na linha de frente e dizer eu, os meus e os seus estão aqui na base te sustentando para que de fato a gente tenha mudanças".

Vídeo 2 - Eu tenho pressa

Imagem 9 - Capa do vídeo *tenho pressa*



Fonte: canal Ana Paula Xongani no Youtube¹⁹

Ana Paula Xongani começa o vídeo afirmando que muito se fala sobre a solidão da mulher negra, inclusive em trabalhos científicos, mas pouco se fala sobre como ela começa cedo, logo na infância. Ela começa então a relatar um episódio de racismo que acaba de acontecer com sua filha Ayô. Nota-se que Ana Paula ainda está visivelmente abalada.

Ela conta que estava passando pelo parquinho do prédio, quando sua filha viu três meninas brincando e pediu para brincar junto. Ana Paula deixa,

¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5fBhjPzXNi4&t=3s>> Acesso em: 31 de maio de 2018.

mas observa que antes mesmo de sua filha dizer "oi" as meninas correm. "Ayô tenta se aproximar novamente e pede para brincar junto, mas as meninas dão risada e fogem". Ana Paula conta que nesse momento chamou sua filha e perguntou se as meninas não queriam brincar com ela. Ayô respondeu: "ah mãe, é sempre assim. Mas não tem problema, eu não me importo. Eu gosto de brincar sozinha, mas o que eu fiz de errado?".

Ana Paula explica que ligou a câmera para contar o que aconteceu pois precisava de ajuda. Ela explica que as crianças aprendem muito cedo com as estruturas a reproduzirem o racismo e pede que os pais de crianças não negras ensinem seus filhos a não serem racistas e aos cuidadores de crianças negras que tenham atenção e todo o amor do mundo para explicar que o problema não está neles. A influenciadora enfatiza: "E para você que acha que é coisa de criança, certamente você não é uma mulher negra".

Ana Paulo conclui o vídeo com uma mensagem ao público: "as vezes eu fico me perguntando o que eu estou fazendo no Youtube e na internet. Mas quando eu passo por situações como essas eu tenho respostas. Eu quero um mundo melhor e eu tenho pressa. A minha filha está crescendo e eu tenho pressa. A minha filha não precisa e não merece sofrer como a gente sofreu em gerações anteriores. Ela não merece, ela não vai, ela não pode, eu não quero, eu tenho pressa! Quando eu tô aqui falando no Youtube é porque eu quero preparar o mundo diferente para ela e para as outras crianças. (...) Agora eu aproveito para te perguntar você tem uma amiga negra? uma mulher negra escura, retinta e cabelo crespo? por quem você tem afeto, amor, carinho e amizade? você tem?"

Sendo assim, após realizar a análise dos 39 vídeos, passando pela descrição de 6 deles, a fim de melhor situar o leitor, passamos agora para a análise dos discursos de Ana Paula Xongani, Gabriela Oliveira e Nataly Neri.

4. Matriz discursiva sobre questões raciais

Serão expostos a seguir os principais elementos discursivos identificados a partir da análise dos discursos das youtubers Nataly Neri, Ana Paula Xongani e Gabriela Oliveira, são eles: racismo, estereótipo e estética. Esses elementos foram os que mais se sobressaíram nos vídeos analisados e produzem sentidos importantes para a formação de representações sociais contra-hegemônicas.

4.1 Racismo

Pode parecer óbvio ou até simplista destacar a palavra "racismo" entre todos os elementos presentes nos discursos analisados, mas o fato de o Brasil ainda ser o país do mito da democracia racial nos faz acreditar que é bastante relevante.

O racismo aparece antes de tudo quase que sendo reivindicado, isto é, antes de falar sobre suas consequências, as influenciadoras se empenham em construir narrativas robustas que provem que o Brasil é um país racista. Ou seja, que mostrem que o jovem negro não é o que mais morre neste país por mero acaso, que o padrão de beleza não é branco em decorrência de preferências espontâneas, ou que a maior parte da população negra do Brasil não chega ao ensino superior por falta de capacidade, por exemplo.

Boa parte dos discursos analisados buscam explicitar que o racismo no Brasil é estrutural e que a partir disso escolhas e posicionamentos ideológicos são definidos pelos grupos detentores de poder. Ou seja, está muito presente nos discursos a ideia de que o racismo não se dá apenas nas relações individuais, por meio de insultos e agressões físicas diretas. Nesse sentido, as influenciadoras destacam a importância de incluir a dimensão institucional do racismo nos debates.

Os aparatos institucionais de uma dada sociedade encontram-se a serviço dos grupos hegemônicos que os criam e fazem com que funcionem para a reprodução do sistema que lhe confere significado e existência. Alguém que esteja operando esse sistema poderá produzir resultados raciais injustamente diferenciados ainda que não tenha intenção de fazê-lo. Embora esse tipo de racismo possa ser de difícil

detecção, suas manifestações são observáveis por meio dos padrões de sistemáticas desigualdades produzidas pelas burocracias do sistema, que, por sua vez, ao lado das estruturas, formam as instituições (SOUZA, 2011, p.80).

Quando Nataly Neri relata como o ambiente universitário é extremamente racista, em virtude da escolha que faz ao não incluir autores e autoras negros em seus programas, ou ao não oferecer condições financeiras e psicológicas para que a população negra exista com condições dignas e igualitárias nesse espaço, além de outras razões que acabam fazendo com que alunos negros desistam de suas graduações, ela aponta o encargo da instituição: "Quando a universidade não se posiciona em relação a alunos negros que estão evadindo, que estão desistindo, ela está sendo racista". Ao nomear o processo que oprime a população negra nas universidades e responsabilizar a instituição por suas posições ideológicas, Nery coloca em evidência que a evasão se dá por causa do racismo e não porque a população negra não tem competência para estar naquele espaço.

O exemplo dado por Nataly Neri é facilmente verificável na definição de racismo institucional mencionada no inquérito sobre o caso Stephen Lawrence²⁰ e amplamente adotada pela militância negra:

O racismo institucional é o fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações (CRI, 2006, p.22).

No vídeo "Precisamos falar sobre Rafael Braga", de Gabriela Oliveira, ela relata o caso de Rafael Braga, um jovem negro e pobre, que foi condenado a 11 anos de prisão injustamente, de acordo com a opinião da Youtuber. Ela afirma que o caso é relevante pois não é um caso isolado e "demonstra a seletividade penal e o racismo das nossas instituições". Mais uma vez o

²⁰ Stephen Lawrence, um jovem negro, foi esfaqueado e assassinado por um grupo racista branco o ano de 1993, em Londres. O caso chocou o Reino Unido e o inquérito policial foi considerado tendencioso. Anos mais tarde um relatório sobre o caso denunciou não só o assassinato mas também o racismo institucional da polícia.

discurso responsabiliza instituições e utiliza a palavra "racismo" para caracterizar os seus mecanismos de operação. Nesse caso, a utilização do termo é muito importante para nos fazer compreender que a população carcerária não é de maioria negra simplesmente porque negros cometem mais crimes e também para problematizar a imagem já consolidada no nosso imaginário social do bandido sempre como uma pessoa negra.

Indo na mesma direção, de dar nome aos mecanismos de opressão e os reconhecer como racistas, Ana Paula Xongani ao comentar uma experiência vivida por sua filha no vídeo *Eu tenho pressa*, descrito anteriormente neste trabalho, enfatiza: "as crianças aprendem com as estruturas muito cedo a reproduzirem o racismo. As crianças aprendem de uma forma assustadora a serem racistas". Com esse discurso ela está afirmando que sua filha não foi preterida por qualquer razão e que aquele não é um comportamento infantil natural e aceitável. Se trata, segundo a influenciadora, de racismo.

A utilização da palavra "racismo" em todos esses casos é importante para enfrentar o debate racial e evitar a relativização e normalização dos ocorridos, além de mostrar que o racismo acontece todos os dias de maneiras muito particulares que precisam ser discutidas. Além disso, quando fica evidente que existem superestruturas racistas que escolhem silenciar e ocultar as contribuições e participações da população negra, além de operar e escolher, a partir de uma ideologia definida, quais serão os espaços que essa população irá ocupar ou não, se torna possível refutar e questionar representações negativas da população negra, consolidadas como verdade no nosso imaginário.

4.2 Estereótipo

Nós já abordamos no presente trabalho alguns dos estereótipos atribuídos à população negra, como eles se formaram e como se consolidam como representações sociais hegemônicas, por meio da produção de sentidos que se dá nas relações individuais, coletivas e do discurso midiático.

A palavra "estereótipo" é muito frequente nos discursos das três influenciadoras aqui analisadas, pois se relaciona com grande parte das questões raciais brasileiras. Analisando os vídeos, observamos que o termo

aparece no sentido de apontar e evidenciar que determinado estereótipo é uma construção social que não necessariamente representa ou diz respeito a realidade das pessoas negras e o de convidar o público a se desprender desses estereótipos e entender que não precisa atendê-los.

Quando Nataly Neri conta que professores diziam ter procurado o trabalho dela na internet por achar que era plágio, ela está denunciando e iluminando o fato de aquela suposição ter sido feita pelo fato de ela ser uma mulher negra, constantemente associada ao estereótipo de preguiçosa, desonesta e incapaz. Sem falar no estereótipo que hipersexualiza a mulher negra e só lhe permite ter atributos físicos positivos, excluindo completamente sua dimensão intelectual.

Em outro vídeo de Nataly Neri, também descrito anteriormente neste trabalho, além de expor os três estereótipos da mulher negra que a influenciadora considera mais marcantes, ela explica de que maneira eles operam. Na fala: "independente da forma como eu uso a minha voz, independente de quão rosa seja o meu batom e quão brilhante seja o meu sorriso e os meus olhos, eu sempre vou ser agressiva e louca, porque esses são os estereótipos que me cabem quando eu tento falar sobre as minhas dores". A Youtuber mostra como o estereótipo da mulher negra raivosa elimina suas complexidades e ignora suas características pessoais para enquadrá-la em uma única categoria pejorativa. E mais grave ainda, o aprisionamento nesse estereótipo se dá como uma forma de controle social, isto é, quando ela fala sobre o racismo e temas que mexem com os poderes hegemônicos, é descredibilizada e associada ao estereótipo de raivosa e descompensada.

Em alguns casos a situação é tão opressora que mulheres e homens negros acabam adotando pra si determinado estereótipo como um mecanismo de proteção, ou até acreditando de fato possuir determinada característica. Há exemplos também de estereótipos estigmatizantes que aparentam ser positivos, porém são marcadores sociais e também operam a favor do mito da democracia racial.

No Brasil, uma análise cuidadosa das características positivas atribuídas aos negros indica uma nova e mais sofisticada forma de preconceito, uma vez que os estereótipos positivos aplicados definem claramente papéis sociais específicos para

este grupo. Podemos pensar que se eles são musicais, são também aptos para o ritmo e para a dança, se são fortes, estão aptos para o trabalho braçal, e se são alegres, não devemos nos preocupar com a sua situação social, pois nem eles têm consciência dela (LIMA e VALA, 2004, p.403).

Mariana Ribeiro, convidada de Gabriela Oliveira do canal DePretas, afirma ter assimilado o rótulo de morena exótica, atribuído e repetido massivamente por seus colegas não negros, por acreditar que era o melhor jeito de ser aceita e querida naquele ambiente. Ela conta: "nunca ninguém me chamou de linda ou bonita. Todas as vezes que falavam sobre a minha aparência era para dizer que eu tinha uma beleza diferente, que eu era exótica, e até pouco tempo eu acreditei nisso. (...) Por mais que eu soubesse que eu era negra, eu não tinha noção de como esses discursos que a gente está tão acostumada a ouvir eram prejudiciais para mim".

No mesmo vídeo, Gabriela Oliveira conta que quando está em bairros elitizados as pessoas assumem, sem ao menos conhecê-la, que ela não mora ali: "Quando eu estou em Copacabana ou Ipanema vivo recebendo perguntas do tipo: você não é daqui né ? (...) Nesses espaços ou as pessoas te veem como uma serviçal, o que não é nenhum problema, o problema é o estereótipo ligado à pele negra, ou ficam questionando se você é dali". Nessa fala fica claro o estereótipo do negro sempre associado a trabalhos de baixa remuneração e aos espaços menos privilegiados da cidade, geralmente a periferia.

Em todos os exemplos acima, as influenciadoras relatam momentos em que foram enquadradas em representações hegemônicas e reduzidas a estereótipos negativos.

É através do uso de estereótipos, principalmente de natureza moral, que as classificações e hierarquias são realizadas, presumindo que qualidades e vícios de cada raça considerada inferior (inclusive os mestiços) são biologicamente determinados. Assim, para o discurso racista não basta estabelecer os ditames da inferioridade através de traços fenotípicos; ele é mais eficaz quando uma característica do fenótipo pode pressupor determinados comportamentos que desqualificam socialmente (SEYFERTH, 1995 , p. 186).

Por isso, ao esmiuçar tais situações e mostrar que determinadas características pejorativas são atribuídas por uma sociedade racista em decorrência da cor da pele e dos traços fenotípicos, as influenciadoras

contribuem para que o público negro que as assiste entenda que determinadas representações, na verdade, não definem quem eles são. Essa contribuição é importante considerando que amplia nosso horizonte de possibilidades e nos mostra que podemos ser o que quisermos, além de fortalecer a autoestima do povo preto, que pode passar a almejar e se ver ocupando espaços de poder, transitando em bairros de elite e produzindo intelectualmente, por exemplo.

No vídeo *Negritude, espiritualidade, saúde mental e física*, Nataly Neri nos convida a nos permitir ser frágeis e pedir ajuda. Dessa forma, ela também convida a população negra a abandonar o estereótipo que nos define como fortes, insensíveis e resistentes a tudo e todos. Nataly Neri conta que constatou que a população negra, em geral, está longe dos espaços de saúde, formas alternativas de espiritualidade e, sobretudo, práticas voltadas para o cuidado de si. Ela explica que essa distância se dá por causa dos acessos econômicos, sociais e intelectuais, mas também afirma que, mesmo quando esses acessos existem, nós, negras e negros, continuamos achando que tais práticas não são para a gente. Ela resalta: "A gente tá aceitando os estereótipos de negros fortes, de negros com constituições físicas e mentais inabaláveis, de negros que aguentam todos os sacrilégios do mundo, sociais e pessoais, e continuam de pé. Porque ser negro é isso, é aguentar a tripla jornada e mesmo assim continuar. A gente luta contra esses estereótipos e reitera eles dentro da gente todas as vezes que a gente nega cuidado, carinho e preocupação com o nosso corpo e com a nossa vida, todas as vezes que a gente não se enxerga enquanto uma pessoa frágil".

Esse discurso nos provoca a não aceitar corresponder ao que a sociedade espera de nós e é em certa medida libertador. Pois, além dos estereótipos negativos atribuídos à população negra, a ideia de que nós somos um povo que aprendeu a ser forte pois somos constantemente massacrados pelo racismo e precisamos estar sempre em movimento de luta e militando contra as desigualdades raciais também é um peso que retira de nós as nossas individualidades e o direito de sermos leves. Pessoas negras também precisam de carinho, afeto e sensibilidade, também têm o direito de se preocupar com banalidades e, sobretudo, nós também precisamos pedir ajuda.

4.3 Estética

A ridicularização da cor da pele e dos traços fenotípicos da população negra, além da inferiorização de nossa ancestralidade e cultura, foram e ainda são estratégias de dominação do racismo. Por isso, a estética negra é um tema tão relevante quando se discute questões raciais. No vídeo Estética é menos importante ?, Gabriela Oliveira afirma: "Quando eu penso no histórico de exclusão das mulheres negras eu acho essencial falar sobre estética. Nós passamos anos sem nos olharmos, sem entendermos nossas características e sendo muito mal representadas nas mídias tradicionais, foram anos de negligência e campanhas totalmente estereotipadas. (...) Por isso a gente precisa falar sobre tudo que está relacionado a nós, inclusive estética e beleza".

Nos discursos analisados neste trabalho notamos que as influenciadoras discutem em peso esse ponto, do porquê é importante falar sobre estética negra, e também se concentram em problematizar o padrão de beleza branco etnocêntrico. Além disso, alguns vídeos falam sobre rituais específicos de beleza oferecendo informações e dicas de cuidados e possibilidades para pele negra e cabelos afro.

No vídeo Empoderamento estético e consciência racial, Nataly Neri conta que iniciou sua relação com a estética através da tentativa de embranquecimento, por meio da maquiagem, do alisamento capilar e até chegando a utilizar um pregador no nariz para tentar afina-lo. De acordo com Nilma Lino Gomes, esse é um movimento que envolve mais do que apenas a mudança de elementos de aparência física:

O corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes pólos sociais e raciais. Por isso, para alguns homens e mulheres negras, a manipulação do corpo e do cabelo pode ter o sentido de aproximação do pólo branco e de afastamento do negro. Na perspectiva da inversão, alguns sujeitos e também alguns grupos do movimento negro vão apelar para a não-modificação dos sinais diacríticos presentes no corpo, que remetem à ascendência africana. (...) Serão considerados positivos os processos de manipulação do cabelo que destacam a sua textura natural como cortes afros e tranças (GOMES, 2006, p.126).

Nesse sentido, Neri relembra: "Eu sentia que já que eu estou tão perto desse ideal branco, é só eu me esforçar um pouquinho que eu me torno uma garota branca. E aí eu tentei mutilar o meu corpo de todas as formas possíveis, apertando o nariz e alisando o cabelo. (...) Enfim, a gente realmente se machuca, e não só mentalmente, a gente também se machuca fisicamente por conta do racismo e dos padrões cruéis de beleza". Ela conta ainda que isso muda quando ela faz um curso de dreads e tranças e não só passa a utilizar a técnica nos próprios cabelos como aprende sobre o seu significado e ancestralidade. Ela afirma: "a minha iniciação política nas questões raciais e negras foi por meio da estética, foi por meio dos dreads e das tranças, e é por isso que eu valorizo tanto".

Nessa fala, a influenciadora enfatiza como a estética influencia as dimensões pessoais de autoestima, bem estar psicológico e saúde física, mas também ressalta a dimensão política que o assunto pode ter, afinal ao falar de estética negra também estamos falando de posicionamento político, de resistência, de ocupação de espaços, de ancestralidade e representações negras possíveis.

Já Ana Paulo Xongani, no vídeo "Dente branco todo mundo tem!", descrito no capítulo anterior, conta: "o meu cabelo era uma expressão de muito carinho e amor da minha mãe por mim, era um cuidado que ultrapassava a estética, era um cuidado recheado de afeto". Por meio desse relato podemos notar também uma dimensão afetiva de cuidado e valorização das características fenotípicas negras trazidas pela influenciadora.

Gabriela Oliveira, ao falar sobre estética, no vídeo Tour pelo meu rosto, reconhece que o processo de autoaceitação da estética negra não elimina as estruturas racistas, mas nos ajuda a compreender que essa associação do negro ao feio e do branco ao belo não é natural e sim socialmente construída. Ela também nos provoca a pensar de onde surgiu essa associação e o que nós podemos fazer para mudar isso. Ela explica: "Se aceitar não faz com que a estrutura não te afete. Não me livra e não vai livrar nenhuma criança negra, pois nós vivemos em um país profundamente afetado pelo racismo, onde pessoas brancas são bonitas, pessoas negras de pele clara são aceitáveis e pessoas negras de pele escura são consideradas feias. Mas essas referências do que é bonito e o que é feio não nascem com a gente, elas são aprendidas e

nós podemos sim questiona-las e parar de reforça-las. (...). E nesse momento um questionamento que surge para mim é: o que nós temos feitos para que o racismo estético não se perpetue?".

Acreditamos que por meio dos discursos descritos e analisados aqui as três influenciadoras reconhecem a importância de incluir a estética nas discussões raciais e reconhecem a relevância do assunto para as vidas negras. Além disso, por meio do compartilhamento de suas experiências pessoais com o público elas buscam acolher e gerar identificação com aqueles que também passaram por conflitos com a sua própria estética.

É importante demarcar também que ao problematizar o padrão de beleza branco como o único possível e valorizar a estética negra, esse discursos contribuem para a negação de algumas representações hegemônicas negativas que temos sobre a população negra e também para criar novas positivas.

A abordagem feita pelas influenciadoras sobre o racismo, os estereótipos e a estética compõem um discurso contra-hegemônico sobre as representações negras, na medida que demarcam as diferenças formas de racismo presentes nas dinâmicas sociais, questionam estereótipos racistas e propõe novas formas de representação, além de fornecer informação sobre estética negra, algo que não é comumente encontrado na mídia tradicional, e promover a valorização dessa estética.

Considerações Finais

A história do Brasil é marcada por 388 anos de regime escravocrata. Isto é, 388 anos de exploração, genocídio, abusos sexuais, silenciamento, desumanização e violências de todo tipo contra o povo preto. Hoje, 130 anos após a abolição formal da escravidão, a nossa população negra ainda enfrenta as marcas deixadas pelo regime e é massacrada diariamente pelo racismo velado que está entranhado nos alicerces desse país.

O mito da democracia racial, ideologia que prega que o racismo é um problema já superado no Brasil, evitou que enfrentássemos o debate racial e permitiu que diversas formas de racismo individual e institucional se perpetuassem sem enfrentar objeções definitivas, sob a justificativa de que somos o país da miscigenação, onde todas as raças convivem harmoniosamente e não há desigualdade racial.

Como no Brasil desde a abolição não há nenhuma barreira legal direta para a igualdade racial, estabeleceu-se no imaginário social que se o negro continua em uma posição marginalizada, só pode ser por sua própria falta de mérito. Essa ideia contribui para a manutenção da suposta inferioridade da raça negra e é subsídio para que as representações estigmatizadas vigentes desde o período escravocrata renovem seus formatos e continuem muito presentes no imaginário social.

As representações sociais hegemônicas, como um produto que se desenvolve nas relações do senso comum, a partir das formas simbólicas e ideológicas a que servem, contribuem para a construção de uma realidade comum e posicionam os corpos negros dentro da ordem social. Sendo assim, essas representações, quando pejorativas, são agentes relevantes na perpetuação do racismo.

A mídia, por meio de seu alto poder de influência e difusão, com suas dinâmicas e simbologias, é capaz de influenciar a construção da realidade social e, conseqüentemente, na formação dessas representações. Entretanto, historicamente, a contribuição da mídia hegemônica tem sido de corroborar com representações estigmatizadas das pessoas negras, por meio da

invisibilização da população negra, do silenciamento em torno do debate racial e da redução dessas pessoas a estereótipos negativos.

Em contrapartida, atualmente, com as mudanças nos formatos de produção, difusão e consumo de informações, provocadas pelas novas tecnologias digitais, mídias alternativas são capazes de dar voz a novos atores sociais, produzir conteúdos de qualidade e atingir públicos significativos. Sendo assim, nesta monografia buscamos analisar como influenciadoras negras, por meio de canais na plataforma Youtube, se valendo dessas novas possibilidades, podem estimular a construção de representações sociais contra-hegemônicas da população negra.

A primeira conclusão possível a ser extraída dessa pesquisa é que o fato de uma quantidade significativa de mulheres negras, com personalidades diversas e estéticas diferentes, cada uma com as suas singularidades, estarem em posição de protagonismo, falando sobre suas experiências pessoais e discutindo questões raciais em um espaço midiático, já representa um rompimento com as práticas da mídia hegemônica e uma fonte relevante de representatividade para a população negra.

Já a partir da análise de discurso, metodologia escolhida para este trabalho, identificamos três elementos discursivos que aparecem com expressividade nos vídeos analisados e produzem sentidos importantes para a formação de representações sociais contra-hegemônicas.

O primeiro elemento identificado é o racismo. Os discursos das influenciadoras negras se concentram em evidenciar como o racismo está presente nas dinâmicas sociais e demarcar sem nenhum tipo de eufemismo quando ele acontece. Esse ato de nomear o processo de opressão é muito importante para que atitudes e posicionamentos racistas não sejam naturalizados e tratados como algo banal. Além disso, reconhecer o racismo nas relações, nas instituições e nas representações é importante para que estejamos conscientes de que o racismo é uma superestrutura e que nem sempre se manifesta a partir de um insulto pessoal, pode também partir dos âmbitos institucionais de forma velada.

O segundo elemento discursivo de destaque é o estereótipo. As influenciadoras problematizam os estereótipos criados sobre a população negra, buscando deixar claro que estereótipos são construções sociais e não um conjunto de características naturais das pessoas negras. Além disso, os discursos analisados nos provocam a questionar alguns estereótipos, que muitas vezes nós até chegamos a incorporar, mas que são prejudiciais. O que nos ajuda a enxergar a possibilidade de outras formas de existência como uma pessoa negra.

Entender que algumas representações hegemônicas se baseiam em estereótipos pejorativos que visam restringir a nossa existência a funções de subalternidade, empregos de baixa remuneração e distante dos espaços de poder, por exemplo, é muito importante para que estejamos lúcidos a respeito de quem somos e de que podemos sim ocupar os espaços que quisermos na ordem social.

O último elemento discursivo identificado como chave para o processo de questionamento de velhas representações sociais e formação de novas é a estética. Primeiramente nota-se que as influenciadoras constroem narrativas para explicar porque falar sobre estética negra e questionar padrões de beleza brancos e etnocêntricos é extremamente importante para a luta anti-racista. Isto é, que o assunto não é mera banalidade. Também está bastante presente nos discursos a valorização da estética negra, por meio de tutoriais de cuidados específicos para pele negra e cabelos afro. Muitos dos vídeos buscam empoderar e incentivar a autonomia de quem assiste a partir da informação.

A estética negra foi e ainda é constantemente representada de maneira inferior e ridicularizada pela mídia hegemônica. Nossos traços fenotípicos são o principal alvo de ataques da sociedade e também a primeira coisa que nos ensinam a odiar sobre nós mesmos. Isso porque no imaginário brasileiro o padrão de beleza funciona como um espectro: quanto mais próximo ao padrão branco europeu um indivíduo estiver, mais perto ele estará daquilo que é considerado belo. Em contrapartida, quanto mais traços negróides uma pessoa possuir, mais perto ela estará daquilo que se tem como feio.

Por isso, durante muito tempo, a estética negra só foi colocada em voga na mídia de forma pejorativa ou estereotipada e as indústrias de cosméticos só se importaram em produzir anúncios estigmatizantes para vender produtos para nos embranquecer. Sendo assim, a abordagem que as três influenciadoras fazem a respeito da estética negra é extremamente relevante para a construção de novas representações. Representações que de fato falem sobre as nossas características estéticas, e que, não só nos ajudem a nos sentirmos bonitas, mas também a parar de odiar quem somos e a não admitir que nos embranqueçam.

Acreditamos que os discursos das influenciadoras Ana Paula Xongani, Gabriela Oliveira e Nataly Neri, por meio da plataforma Youtube, são relevantes para o processo de formação de novas representações sociais negras. Primeiramente, pois discutem questões raciais, um assunto evitado pela população brasileira, em geral, e pela mídia hegemônica, rompendo então com um silenciamento histórico à respeito do debate racial. E porque questionam, de maneira contundente, as representações negativas da população negra, já consolidadas no imaginário brasileiro, encarando-as como construções sociais hegemônicas e refutando a suposta inferioridade natural do povo preto.

Para finalizar, é importante demarcar que esses discursos, quando comparados com o conteúdo produzido pela mídia hegemônica, constituem uma disputa de narrativas importante, mas ainda bastante desproporcional. Apesar de os vídeos alcançarem uma quantidade significativa de pessoas, eles ainda estão muito longe de bater os números de audiência de alguns canais da mídia tradicional. Ou seja, boa parte da população brasileira só tem acesso ao discurso da mídia hegemônica. Discurso este que caminha a passos muito lentos para a formação de uma sociedade anti-racista, quiçá igualitária. Por isso, devemos nos lembrar que o que essas influenciadoras negras, e tantas outras presentes no Youtube e em outros formatos de mídia, estão fazendo é, sobretudo, um ato de resistência.

Referências

ASSIS, Dayane Nayara Conceição de. CORPOS NEGROS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO DE GÊNERO E RAÇA. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 9, n. 21, p. 123-134, fev. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/231>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho. O abolicionismo transatlântico e a memória do paraíso racial brasileiro. Estudos afro-Asiáticos, nº 30, Rio de Janeiro, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. Online Video and Participatory Culture. Polity Press, 2009.

COUTY, Louis. A Escravidão no Brasil. Trad. Maria Helena Rouanet. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). 2001. Disponível em: <http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/10_di__logos_latinoamericanos/mito_democracia.pdf>.

ESCOBAR, Juliana. A Internet e a Democratização da Informação – proposta para um estudo de caso. Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/58958191132346222803642980758708141123.pdf>>. Acesso em 14 de junho de 2018.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz - Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2006. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>> Acesso em: 14 de junho de 2018.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.

JODELET, Denise. "Representações Sociais: um domínio em expansão." In: _____. (Org.). As Representações Sociais. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001. p. 17- 44.

LIMA, Marcus e VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. Estudos de Psicologia 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>>. Acesso em 14 de junho de 2018.

LÓPEZ, L.C. The concept of institutional racism: applications within the healthcare field. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n40/aop0412.pdf>>. Acesso em 14 de junho de 2018.

MEDIA Ownership. 2017. Disponível em: <<https://brazil.mom-rsf.org/en/media/>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

MENEZES, Kalyne, e BRAGA, Claudomilson. A Mídia e as Representações Sociais. Trabalho apresentado no GT do VIII Seminário de Mídia e Cidadania (SEMIC) – Faculdade de Informação e Comunicação – Universidade Federal de Goiás. 20 e 21 de outubro de 2014. Disponível em: <http://kalynemenezes.com.br/wp-content/uploads/2015/05/A-M_dia-e-as-Representa__es-Sociais.pdf>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

MOISES, Raika. Raça, discurso e identidade: a comunicação alternativa como possibilidade. São Paulo: PPGCOM ESPM, 2014. Disponível em: <http://www3.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_cinco/GT05_RA_IKA_MOISES.pdf>. Acesso em 14 de junho de 2018.

MONTEIRO, Brenda. Corpo na mídia: um estudo do reality-show “Se Ela Dança, Eu Danço”. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social

- Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

Portal Brasil. 2012. Disponível em:<
<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>>

MORAES, D. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXIII, nº 2, julho/dezembro de 2000.

MORAES, Dênis. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación www.eptic.com.br, vol. IX, n. 2, mayo – ago. / 2007.

MOURA, Clóvis. Escravismo, colonialismo, imperialismo e racismo. Salvador: Afro-Ásia, nº 14, 1983.

NABUCO, Joaquim. O abolicionismo. São Paulo: Publifolha, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2006.

NASCIMENTO, Abdias. O Genocídio do Negro Brasileiro. O processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

Portal Brasil. 2012. Disponível em:<
<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>>

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S.l.], n. 31, p. 129-152, jan. 2011. ISSN 2316-4018. Disponível em:

<<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2023>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

RUSSELL, A. Editorial: exploring digital resistance. *New Media Society*, 2005, pp. 513-515.

SANTOS, Hélio. Discriminação racial no Brasil. In: SABÓIA, Gilberto Vergne; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (Orgs). *Anais de seminários regionais preparatórios para a conferência mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Comunicação apresentada na mesa redonda "Racismo e Identidade Social", 45a Reunião Anual da SBPC, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 11a 16-7-93. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1993/anuario93_giraldaseyferth.pdf> Acesso m 14 de junho de 2018.

SIMONEAU, A. S. e OLIVEIRA, D. C. Representações sociais e meios de comunicação: produção do conhecimento científico em periódicos brasileiros. *Psicologia e Saber Social*, 3(2), 281-300, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/viewFile/14478/10957>> Acesso em: 14 de junho de 2018.

Situação social da população negra por estado / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília : IPEA, 2014.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política* / Muniz Sodré. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOUZA, Arivaldo Santos de. RACISMO INSTITUCIONAL: PARA COMPREENDER O CONCEITO. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 77-88, fev. 2011. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/275>>.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, 1993, vol.9, n.3, pp.300-308. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102311X1993000300017&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 de junho de 2018.